



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE TRÂNSITO, TRANSPORTE E ATIVIDADE ECONÔMICA

PRESIDENTE: SENIVAL MOURA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 24 DE JUNHO DE 2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Presidindo a Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica, declaro abertos os trabalhos da 4ª audiência pública de 2023 que vai debater os problemas do serviço Atende Especial, conforme requerimento 13/2023, aprovado em reunião desta comissão.

Informo que esta reunião está sendo transmitida ao vivo através do endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online/ e, também, pelo Youtube no canal da TV Câmara São Paulo e no Facebook da Câmara Municipal de São Paulo e TV Câmara, canal 8,3.

Esta audiência foi publicada no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo*, desde o dia 19/03/2023.

Foram convidados para esta audiência, a Dra. Silvia Regina Grecco, Secretária Municipal da Pessoa com Deficiência. Está presente ou mandou representante? (Pausa). Também não. É lamentável isso. Uma audiência pública para tratar desse serviço – que presumo ser muito importante – justamente a Secretária não vem, sequer manda um representante. Secretária, parabéns pela desfeita, como tem tratado as pessoas com deficiência. Eu não queria falar isso, mas tenho que falar porque é inaceitável.

Sr. Wagner Chagas, Diretor de Operação da SPTrans. Ele está presente de forma virtual. Vou citar os demais: Sr. Simão Saura Neto, Superintendente de Engenharia Veicular e Mobilidade Especial da SPTrans, também presente de forma virtual; Sr. José Carlos Biagioni, Gerente de Mobilidade Especial da SPTrans, de forma virtual; Dr. Florisvaldo Fiorentino Júnior, Defensor Público Geral; Renata Flores Tibyriçá, representando a Defensoria Pública, convido-a para um assento aqui, por gentileza; Lídia Costa, representante do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, para se assentar; quero convidar, também, o Deputado Dr. Jorge do Carmo que está presente; o Sr. Altair para fazer parte da Mesa, ele que foi um incentivador da audiência.

A audiência pública do dia de hoje foi porque percebemos, está aí o relatório e o Wagner, os representantes da SPTrans. Há um relatório que foi apresentado pela assessoria

técnica da douta Comissão em que, mesmo com redução, e teve um gráfico. Vamos ver se a gente consegue apresentar. Mesmo com redução do número de pessoas com deficiência sendo transportadas, há um aumento significativo no custo do serviço, porque os veículos – a gente sabe que os veículos vão ter que operar, e o custo vai crescer mesmo, mas seria de uma forma mais racional.

E a gente quer entender a razão da redução que foi desde a época da pandemia e, de lá para cá, essas pessoas não voltaram mais a ingressar no serviço do transporte do Atende. Por qual razão? Elas não tiveram oportunidade? Está faltando terem número? As pessoas se comunicarem para serem transportadas?

Esses entre outros assuntos serão os assuntos que vamos discutir e debater.

Vamos ler esse trecho para que fique claro: “O serviço Atende do Município de São Paulo é prestado com base na Lei 16.337, de 30 de dezembro de 2015, Projeto de Lei 564/2014, de autoria do Vereador Senival Moura. Anteriormente, era chamado de serviço Atende, tendo sido criado por meio do Decreto 30.071, de 09 de maio de 1996.

O referido serviço é realizado por veículo do tipo van, similares ou táxis, devidamente adaptados para o transporte devidamente adaptados para o transporte confortável e seguro dos usuários e seus acompanhantes e destina-se a transportar, gratuitamente, pessoas que não possuem condições de mobilidade e acessibilidade autônoma aos meios de transporte convencionais que possuam grandes restrições ao acesso e ao uso de equipamentos e mobiliários urbanos”. Essa é a razão.

Vou adiante de onde tem a tabela. Antes de passar a tabela, quero passar a palavra para todos os convidados para darem a sua saudação inicial.

Quero começar, se possível, com Wagner Chagas, Diretor de Operações da SPTrans.

O SR. WAGNER CHAGAS ALVES – Bom dia, Vereador. Bom dia a todos e todas. É um prazer enorme estar com todos vocês.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Muito obrigado, Wagner.

Você sabe que é muito importante falar com vocês, porque esse assunto... eu diria que há pessoas que conhecem como vocês, mas mais, eu acho que não há, pela experiência e tempo que já têm de atuação. Parabéns.

Simão.

O SR. SIMÃO SAURA NETO – Oi, Senival. Bom dia a todos e todas. Bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Obrigado, Simão.

Sr. José Carlos.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Bom dia, Vereador. Bom dia, pessoal. Estamos à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Saudação dos representantes à Mesa, Renata.

A SRA. RENATA FLORES TIBYRIÇÁ – Bom dia. Eu quero agradecer o convite.

Como foi dito, estou representando a Defensoria Pública. Além de Defensora Pública, estou na Coordenação do Núcleo dos Direitos da Pessoa Idosa e das Pessoas com Deficiência da Defensoria.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK, Renata.

Lídia Costa, representando o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência.

A SRA. LÍDIA COSTA – Bom dia a todos. É bem importante o que está sendo realizado hoje. Estamos aqui para somar.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK, D. Lídia.

Deputado Jorge do Carmo, que veio participar da audiência. Presumo ser muito importante a sua participação porque vai contribuir com aquilo que é de mais importante no serviço atende, que é um serviço de excelência, considerado um serviço de excelência mundo a fora.

Bom dia, Deputado.

O SR. JORGE DO CARMO – Bom dia, Vereador Senival Moura, Presidente da Comissão de Trânsito e Transporte da cidade de São Paulo; bom dia às pessoas que estão

compondo a Mesa; à Renata da Defensoria Pública; à Lídia; às pessoas que estão virtualmente; o Vagner Chagas e o Simão; nosso Chefe de Gabinete Altair; ao nosso público.

Queria dizer, Vereador, da minha alegria de vir prestigiar e participar de uma audiência pública de tamanha importância. Você, de quem conheço a luta e trajetória como militante do setor da mobilidade ou da falta dela, sempre na luta em defesa de melhores condições. E esse serviço, como você falou, como V.Exa. falou, de excelência, o serviço Atende em São Paulo é serviço de excelência, graças a sua luta, a luta aqui dos Pares, mas em especial a sua iniciativa de ter apresentado um projeto de lei que, depois foi aprovado e sancionado pelo então Prefeito Fernando Haddad, hoje é lei.

É um serviço que era um decreto e poderia, de repente, aparecer um Prefeito maluco e querer extinguir porque decreto, a qualquer momento, pode ser revogado, e uma lei é muito mais segura para esse serviço. Por isso, eu tive e tenho a alegria de acompanhar a sua luta em defesa das pessoas que têm necessidade desse serviço, e sei que hoje esta audiência pública é porque o serviço está tendo problemas. Por isso, é preciso ouvir a sociedade, ouvir as pessoas e, sobretudo, ouvir o poder público, o porquê do serviço está sendo precarizado. É preciso estarmos atentos à essa questão, parabenizar e agradecer à iniciativa.

Quero dizer que nosso mandato também é instrumento de luta, estamos sempre à disposição para ajudar nessa questão e nas políticas públicas da cidade de São Paulo e do Estado de São Paulo.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Altair, para sua saudação inicial. Altair foi também um estimulador, um incentivador do serviço Atende, contribuiu muito para que essa lei viesse a ser aprovada.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Bom dia a todos e todas.

Uma saudação especial a Dra. Renata Tibyriçá e a Lídia Costa, dizendo que a gente provocou, através do mandato do Vereador Senival e chamamos essa audiência pública muito por conta das questões que estão aparecendo na mídia, manifestações, e o fato da gente ter

trabalhado no serviço Atende por quatro anos.

A gente tem ainda muitas relações com os usuários, com os motoristas, meio que existe um descontentamento generalizado. A nossa ideia é entender o que está acontecendo e tentar ajudar, da melhor forma possível, para que o serviço volte a produzir qualidade na sua prestação do serviço, que possa servir a todos e todas. E que as pessoas com deficiência tenham um meio de transporte para atendê-los da melhor forma possível.

Quero lamentar a ausência da Secretária, assim como acho que SPTrans deveria estar pessoalmente, aqui. Eu não troco olho no olho por uma *live*. Está bom?

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

Inicialmente, vou passar a palavra a Dra. Renata devido a compromisso que ela tem fora, por volta das 10h30. Mas antes de passar a palavra a ela, melhor dizendo, vou ler para a gente tratar sobre os gráficos.

Os gráficos começam no item 2.1 do relatório. “Número de viagens realizadas por ano. O gráfico 1, abaixo, informa que entre 2016 e 2021 o número de viagens realizadas teve uma grande diminuição, uma queda de 49,4%, de 1,48 milhão/ano para 0,75. Também pode ser observado que no período anterior à pandemia, de 2016 a 2019, o número de viagens realizadas já estava em queda de 7,2%, de 1,48 milhão/ano para 1,37 milhão/ano”. Esse é o gráfico sobre viagens realizadas, aí tem um gráfico, mas não temos como disponibilizar, não está pronto, mas só para ilustrar: caiu de 1,16 milhão para 1,2 milhão”, melhor dizendo, e isso em 2021.

Então, a Dra. Renata tem alguns apontamentos, e lá ela tem recebido algumas críticas. Então vou passar a palavra primeiro para ela, para falar sobre esse assunto – devido a seu compromisso – e depois a gente fica aqui falando. Eu já passei essa base de dados para os representantes da SPTrans para que possam nos trazer subsídios, para a gente poder entender o porquê de isso estar acontecendo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vai, eu vou abrir as inscrições já, pode ficar

tranquila. Vir numa audiência pública e não falar, não tem jeito. Mas vão falar, pode ficar tranquila, já, já abriremos as inscrições. A Fátima com a Jéssica, elas vão fazer as inscrições. Está bom?

Dra. Renata, e já começam as inscrições. Doutora, fique à vontade.

A SRA. RENATA FLORES TIBYRIÇÁ – Obrigada, Vereador.

Eu acabei esquecendo, vou fazer minha autodescrição, não sei se nós temos também pessoas cegas nos assistindo. Eu sou uma mulher branca, de cabelos e olhos castanhos, eu tenho 47 anos, estatura mediana, estou vestindo calça jeans, uma blusa verde-limão e um casaco preto.

Bom, como vocês sabem, a Defensoria Pública é um órgão de defesa de direitos e como órgão de defesa de direitos, a gente recebe reclamações sobre os serviços públicos em geral. As pessoas não vão nos procurar na Defensoria Pública para dizer que está tudo funcionando, ninguém chega lá para dizer assim: olha, está maravilhoso, está dando tudo certo. Então, eu faço aqui esse recorte porque às vezes a gente fala de um jeito que parece que só são reclamações, mas é porque o nosso recorte é de reclamações. As pessoas não vão para fazer elogios, até porque se o serviço está funcionando não existiria, inclusive, demanda jurídica para procurar um serviço de direitos.

Bom, o que vem acontecendo, o que estamos recebendo na Defensoria tem sido especialmente quanto à demora na programação de viagens. Têm duas situações que a gente identificou. Uma são pessoas que estão tendo dificuldade em serem reincluídas no serviço porque acabaram sendo excluídas por conta da pandemia e porque o próprio atendimento tinha sido suspenso, então elas precisam ser reincluídas e está demorando bastante. Outra coisa que vem acontecendo é a dificuldade, uma demora para poder garantir novas rotas. Então, de repente, a pessoa está sendo atendida numa rota específica, só que se ela acaba pedindo, solicita mudança nessa rota porque houve algum motivo.

Aconteceu, por exemplo: a gente recebeu o caso de um rapaz que passou a fazer estágio, é uma pessoa com deficiência, estava cursando a universidade, precisava fazer um estágio presencial e sem a mudança dessa rota, ele não conseguia frequentar o estágio, o que

coloca em risco até a própria conclusão do curso, e ele nos procurou. Esses casos, quando a gente recebe na Defensoria, o núcleo atua de forma coletiva, não atua de forma individual. Então, como são questões individuais, elas são encaminhadas para o atendimento inicial para a propositura de uma ação.

Outra questão que vem acontecendo também – isso é bastante frequente – que chega à Defensoria é a dificuldade de ser incluída em viagens eventuais, porque existe uma limitação para as viagens eventuais, só que, às vezes, a pessoa precisa de um atendimento de viagem eventual muito rápido, porque teve a marcação de uma consulta e, se ela não conseguiu o Atende, ela não vai conseguir ir a essa consulta. E aí ela não consegue marcar esse atendimento para essa viagem eventual, porque é precisa de um tempo muito grande.

Eu cheguei até a conversar com o José Carlos Biagioni, para verificar como a gente podia tentar resolver essas questões, porque são, de fato, complicadas. Na verdade, a gente acaba prejudicando a pessoa, do ponto de vista de sua saúde, muitas vezes.

E aí a outra questão que também traz muitas reclamações – não são muitas – é sobre a demora no atendimento. Então, às vezes, deixam a pessoa esperando. Se demorar muito tempo no trajeto, acaba-se incluindo outras pessoas de rotas distantes. E isso também vem acontecendo. São situações mais difíceis, inclusive para se judicializar, porque o que normalmente é que o serviço fala que é ele que precisa conciliar, às vezes, pessoas de diversas áreas ali, e há uma dificuldade muito grande para se fazer essa conciliação, para poder organizar esse planejamento. Só que o fato é que, quando se trata – e aí eu queria fazer esse recorte em especial – em relação às pessoas com autismo, esse serviço que hoje existe, no caso do Atende, especificamente para as pessoas com autismo, é um trabalho que se iniciou pela Defensoria e pelo Ministério Público no passado. Acho que foi, mais ou menos, em 2011 ou 2012. O Altair deve se lembrar de todo esse histórico.

Havia a proposta de um termo de ajustamento de conduta com o Governo Municipal, para poder se instalar. Por quê? Porque há algumas pessoas com autismo e o autismo tem essa

característica de, muitas vezes, envolver um transtorno de processamento sensorial. Quando elas entram dentro de um veículo, com muitas pessoas, num trajeto de muito tempo, elas se desorganizam completamente. Aí tiram a roupa e tiram o sapato. Fora isso, uma pessoa assim não consegue entender porque uma pessoa está sentada no lugar onde ela sempre senta.

Então, ela vai lá e puxa e tira a pessoa do seu lugar. E aí se cria uma situação supercomplicada, porque as pessoas também não entendem porque a pessoa está agindo daquela forma. Ela bate no vidro, com risco até de quebrar o vidro do ônibus. Então, são situações muito difíceis e muito desafiadoras para as mães e para as pessoas. O que adianta ir a uma terapia e chegar lá, no caso de uma pessoa com autismo, totalmente desorganizada? Ou então faz a terapia e depois volta e se desorganiza totalmente de novo. Então, não há efetividade nessa terapia.

E aí quando a gente pensa em colocar rotas que acabam demorando muito tempo, nesse trajeto, isso se torna muito desafiador para as pessoas com autismo. Por quê? Porque têm dificuldade em permanecer nesses espaços, mesmo sendo um espaço sendo exclusivo, por conta de ser o Atende. Foi feito todo um *layout*, justamente para poder não prejudicar as pessoas com deficiência, especialmente física e com mobilidade reduzida, que não conseguem se utilizar do transporte comum; e a gente sabe que é um desafio nesta cidade, por conta das distâncias e por conta do rebaixamento, às vezes, do próprio ônibus e das plataformas elevatórias. A gente sabe de tudo isso e a gente vem discutindo. A Sandra, que está aqui, trouxe uma demanda importante sobre a questão do piso baixo. A gente fez uma recomendação para o município de São Paulo com relação a isso, porque tem sido difícil também as pessoas com deficiência, especialmente física e mobilidade reduzida.

Então, é preciso haver uma ampliação nesse serviço, para poder se garantir que a gente possa atender, apesar de haver dados aí da diminuição no número. Depois se o senhor também pudesse enviar uma cópia para nós, a Defensoria Pública lhe agradeceria muito, para a gente pode ter.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim.

Vamos encaminhar já, Doutora. Passe o contato, que a gente já manda.

A SRA. RENATA FLORES TIBYRIÇÁ – Ótimo.

Para nós, seria interessante também entender porque, apesar dessa diminuição, há essas reclamações na Defensoria. O que está acontecendo com as pessoas? Está havendo uma diminuição de público, uma diminuição de viagens e está havendo um aumento de reclamações e uma solicitação de maior atendimento. O que está acontecendo? Parece meio contraditório isso. Talvez aqui o pessoal da Secretaria, da Secretaria da SPTrans consiga esclarecer para todos.

Eu não quero me alongar muito mais. Eu quero colocar aqui, à disposição, a Defensoria Pública, para aqueles que quiserem procurar. O que eu quero que vocês entendam é que, às vezes, a gente sabe desses casos. A gente sabe dos casos pontuais. Quando a gente não identifica uma atuação coletiva, essa questão não vai ser atendida pelo núcleo dos direitos da pessoa idosa e da pessoa com deficiência, porque, no núcleo, nós somos só dois defensores públicos. Então, a gente não consegue dar conta de atender ao município. Na verdade, a gente tem atuação no Estado inteiro.

Então, a gente não consegue fazer essa atuação individual para todo o Estado. Quem faz isso são as unidades da Defensoria, e há quase 800 defensores públicos no Estado, para poder garantir atendimento. Na capital, eu não sei o número de cor, mas nós vamos encaminhando os casos individuais, porque, às vezes, também o atendimento individual acaba sendo mais rápido, porque já propõe ação e já se obtém ali a solução imediatamente. O coletivo é mais demorado, porque envolve organizar todas as informações de todas as pessoas e identificar qual é essa demanda que é comum a todas as pessoas. Quando a demanda é pulverizada com informações diferentes de cada lado, nós vamos ter que encaminhar como uma demanda individual. Se a gente identificar que existe uma questão coletiva e comum a várias pessoas ou a um grupo muito grande de pessoas, nós vamos tentar buscar uma solução coletiva para isso, como a gente recebeu um grupo muito grande de pessoas sobre a questão do piso baixo, que a gente está tratando, para poder tentar garantir que haja, de fato, acessibilidade

também no transporte coletivo comum.

Então, fico aqui à disposição e muito obrigada pelo convite.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – A Doutora vai permanecer por mais alguns instantes, não? Eu vou pegar o seu contato e já vamos disponibilizar o material.

Antes, eu vou ler aqui os três gráficos seguintes. Na verdade, são quatro e eu apontei um. Aí, é bom que os técnicos da SPTrans, que já estão acompanhando, vão anotando. Vou ler de forma bem devagar, para dar tempo.

“Dois ponto dois: passageiros transportados por ano. Conforme mostra o gráfico 2 abaixo, o número de passageiros havia aumentado de 10.4, entre 16, 19, de 8.000/ano para 9.600/ano, mas caiu drasticamente com a pandemia, de 16 a 21. O número de passageiros transportados pelo serviço Atende+ experimentou queda de 22,1%, de 8.200/ano para 6.800/ano”.

Aqui está o gráfico 2: Então, 2.3: média de viagens realizadas por passageiros por ano: Foi observada uma nítida tendência de queda no número médio de viagens, realizadas anualmente por cada passageiro transportado, passando de 170 em 2016 para 110 em 2021, como mostra o gráfico 3 abaixo. A pandemia por ter tido um papel importante nessa tendência, mas o ideal seria a divulgação dos dados de cada tipo de viagem realizada: regular, eventual ou finais de semana, para que melhores conclusões possam ser tiradas.

2.4. Custo médio por passageiro transportado. Os dados orçamentários informam o gasto com o serviço Atende+ a cada ano. Mas, para que uma comparação possa ser realizada, é necessário utilizar um índice financeiro para corrigir os valores dos anos de 16 em diante, de forma que possam refletir a perda do poder aquisitivo da moeda pela inflação. Deste modo, utilizando-se o IPC-Fipe, colocando todos os valores em preços médios de 2022, temos o gráfico 4, a seguir.

O serviço Atende custa, em média, por passageiro transportado, em reais, preço de 2022, cerca de 18 mil reais; ele saiu de 10 mil reais em 2015 para 18 mil em 2021, porque é o preço médio, então, em 2021, saiu por esse preço.

Observa-se que o custo médio por passageiro a preço de 2022 de 10,8 mil para 11,8 mil entre 16-19, aumento de 8,5% acima da inflação; enquanto o custo médio por passageiro, novamente, a preço de 2022, passou de 10,8 mil para 18,3 mil entre 16-21, aumento de 69,7% acima da inflação.

Tabela 5: 2,5 de custo médio por viagem realizada. Novamente, utilizando-se o IPC-Fipe para colocar todos os valores em preço médio de 2022, temos o gráfico 5 a seguir que mostra que, entre 16 e 21, o custo médio por cada viagem realizada no âmbito do serviço Atende+ aumentou em 161,4% acima da inflação, mesmo quando analisado o período anterior à pandemia, observa-se um aumento de 29,1% acima da inflação em cada viagem média realizada entre os anos de 16-19.

Então, isso foi da fonte de elaboração própria a partir dos dados da Prefeitura de São Paulo. Então, foi um trabalho muito bem preparado pelos técnicos da douta Comissão, especialmente, pelo Fernando que está presente. Ele é o autor de tudo isso com dados ofertados pela Prefeitura, pela SPTrans.

Doutora, eu vou lhe passar isso porque acho que é importante para poder entender. Fiz questão de informar esses dados. Se a Doutora quiser fazer mais alguns comentários sobre esses últimos, antes de ela sair; se não, eu já passo a palavra para a Lídia Costa.

Lídia, quer fazer uso da palavra agora? (Pausa) Só um minuto.

Quando a Doutora estava falando, nós abrimos as inscrições. Vamos colher as inscrições até para os técnicos da SPTrans que estão nos acompanhando. Depois da Lídia, vou chamar o primeiro inscrito. Após os inscritos, passo a palavra para os representantes da SPTrans que estão de forma virtual porque eles estão acompanhando; não, para os da Mesa; depois, a gente os ouve, porque fica melhor.

Dona Lídia.

A SRA. LÍDIA COSTA – Sim, no momento, eu só gostaria de pedir que fosse encaminhado ao Conselho também esse relatório, por gentileza. Eu vou aguardar os técnicos para poder me manifestar sobre esses números. Quero aguardar a explicação deles.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tudo bem. Mas, além do relatório, a senhora tem outros apontamentos?

A SRA. LÍDIA COSTA – Sim.

Sobre o serviço Atende+, nós estamos há um ano, pelo menos, debruçados no novo regulamento, e em alguns apontamentos que a Dra. Renata trouxe, nós avançamos bastante. Só falta terminarmos para ir ao jurídico e ser terminado. Nós sabemos da maioria dessas reclamações. Temos conversado incessantemente com o serviço e tentando por soluções. O Conselho não está omisso a todos os problemas, mas estamos dialogando e buscando soluções que a lei permita. Nós gostaríamos muito que tudo fosse solucionado. É o desejo de todos nós, mas como o ideal não é o real, nós buscamos resolver as situações.

Como eu disse na minha primeira fala: o Conselho fez questão de estar aqui para somar. Então, vamos caminhando e buscando as soluções juntos.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vou convidar para fazer uso da palavra o primeiro inscrito: Silvana Vazquez Gicovate.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Bom dia a todos. É um prazer.

Eu sou Silvana, mãe de um autista: Ariel Vazquez Gicovate, jovem autista de 31 anos, que conseguiu o direito, através da Defensoria, Dra. Renata Flores Tibyriçá, de utilizar o Atende desde o comecinho, 2011-2012, estávamos na Casa do Sol; hoje, estamos na Travessia. Faço parte e estou representando um grupo de mães que reivindicam melhorias no serviço Atende, que vem, desde março, se organizando para isso. Fizemos manifestações. Já conheço o Conselho, porque estou participando há muito tempo, em contato com a SPTTrans, José Carlos, Manoel, Lídia, Marli; o pessoal do Conselho. Estamos tendo diversas reuniões tentando colocar as nossas reivindicações com muita dificuldade. Ao serviço aqui, eu agradeço; desde já a Sandra Ramalhoso, que está dando essa força, é Conselheira do serviço, ela está abrindo as portas para que nós tenhamos voz.

Talvez tenham vindo aqui gráficos, vieram teorias, eu talvez traga um pouco mais da

prática. Não falo em meu nome, nem em nome do meu filho; eu falo em nome das mães que estão passando por muitas dificuldades, muita dificuldade com o serviço Atende. Antes, no início, sempre teve um problema ou outro, tanto é que eu já fui parar no Ministério Público tentando solucionar algumas questões que eu não conseguia junto ao Atende, isso antes da pandemia.

Durante a pandemia, ficou naquele momento e na volta da pandemia, foi tranquilo; o serviço Atende estava nos atendendo. A partir de outubro/novembro do ano passado – e isso foi colocado nesta comissão pelos integrantes da SPTrans – houve um aumento, eles colocaram mais usuários. Devido isso, nós tivemos um caos, e estamos até hoje passando por isso, por muita dificuldade mesmo. Eu, inclusive, já vou deixar algumas sugestões para a Dra. Renata Flores – a Lídia e a SPTrans já conhecem. E por favor, se vocês puderem, eu só tenho três cópias.

Neste momento, nós batemos de frente com o regulamento, porque foi através do regulamento que estão acontecendo todas essas atrocidades, e são atrocidades mesmo, só sabe quem passa. Não sei se têm mães aqui que usam o serviço Atende, então que depois tenham voz. Mas, infelizmente, muitas não conseguiram vir porque sabemos o que é a realidade de uma mãe de autista, o que é realidade da gente em termos do serviço público deste país. A nível federal estamos remontando, mas temos ainda muito, muito, muito a caminhar. Então assim, as dificuldades são grandes, nós, a maioria, somos mãe-solo que estão passando por inúmeras dificuldades.

Agora, o regulamento que aí está, é um regulamento completamente arbitrário que não nos atende, e através desse regulamento, que estão fazendo uso, eles estão “nos punindo”, estão cortando atendimentos, estão fazendo com que mães com crianças gripadas, doentes, vão lá e não podem perder, porque se cancelar, o Atende – se deu 25% – corta o atendimento. Então hoje, pós-pandemia, nós ainda temos a questão da Covid, e tem mãe resfriada, gripada que acompanha seu filho, que não pode se cuidar, não tem tempo de se cuidar, tem que levar e está levando o filho doente para a instituição porque não pode ter mais do que esses 25%.

No documento, estamos questionando, eu estudei – nós, o grupo – cada capítulo do

regulamento, e colocamos a questão humanitária porque é disso que se trata: de humanidade. Infelizmente, quem tem que fazer parte desse Conselho, fazer as leis do regulamento, são os que utilizam o Atende, são as mães, são os que acompanham, são os que utilizam, e não as pessoas que não utilizam, mesmo sendo deficiente. Só eu posso falar do TEA – Transtorno do Espectro Autista, porque eu vivo isso na pele, eu sou a voz e as pernas do meu filho. Agora, que cada um fale por si. Nós não queremos engavetar autista de um lado, deficientes visuais, não – mas todos têm que ser atendidos.

É como a Dra. Renata Flores colocou: foram colocados autistas. Os autistas têm muitas peculiaridades que têm de ser respeitadas, mas agora está essa loucura. Há autistas que passam três horas dentro da van para chegar em suas casas: saem às quatro e meia, chegam em casa oito da noite. Eu tenho tudo isso comprovado, *print*, *e-mail*, tudo aqui para poder comprovar. Infelizmente, há pessoas que tem tido suas terapias cortadas, filhos que estão ficando em casa porque foram cortados e vão ter que esperar três meses para serem realocados. Passou a pandemia em casa, tudo que a gente passou, voltou e agora estão de novo em casa. Nós não podemos ser castigados. Esse serviço de excelência tem que continuar sendo de excelência, tem que continuar nos servindo, gente.

Está tudo documentado, estamos na luta desde março fazendo manifestações, tentando nos organizar, e hoje conseguimos aparecer para a sociedade civil.

Minha boca está ficando seca, eu queria até falar um pouco mais, mas estamos negociando, estamos com o Conselho para poder mexer no regulamento porque se é o regulamento que nos pune, que faz, que dá essa condição de acontecer o que está acontecendo na prática, isso tem que ser mudado e é isso que a gente está tentando. Mais vans? Sim, mais vans. Falta dinheiro? Falta, mas não é só mais vans que vão resolver o problema se esse regulamento continuar, não são só as vans. Não adianta mais dinheiro, mais vans, se não mudar a estrutura, se não mudar esse regulamento que não nos atende.

Desculpem o desabafo, eu falo em meu nome, mas também falo em nome de mães que eu vejo sofrendo no dia a dia, as que têm medo de aparecer, por medo de que seja suspenso

o atendimento delas. Muitas mães gostariam de estar aqui, mas elas não têm condições e, muitas vezes, têm medo de aparecer, pensam: vão me castigar, não vão mais me dar boas viagens, tem essa concepção. E outra concepção é que não é um favor, é um direito, é o que a gente paga, é o imposto. Vamos lá, gente. Mães vão ressuscitar, nós vamos sair do anonimato, nós vamos sair do descaso, da invisibilidade e através desse trabalho de agora, as mães de autistas vão se unir. As que estão tendo condições de ter mais força, vão levar as outras e não vamos ficar caladas.

Obrigada, Sandra Ramalhão, por todo trabalho que você fez até agora; a Dra. Renata Flores Tibyriçá que abriu as portas para os autistas usarem o Atende.

Meu partido está aí, vamos seguir em frente porque é só na luta mesmo, teoria e prática.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK, Silvana Vazquez. A senhora estendeu um pouco o combinado, mas como percebi que são muitos problemas, a gente tem que ouvir porque têm os técnicos que estão acompanhando, e depois é até para a gente encontrar uma solução.

A próxima é Sandra Ramalhão, coordenadora da pasta de Transporte do Conselho da Pessoa com Deficiência.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Bom dia a todos.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Bom dia.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Eu sou Conselheira no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, coordenadora da pasta de Transportes. Também sou Conselheira no Conselho Municipal de Transporte e Trânsito, também sou titular lá nesse Conselho.

Eu queria aqui dizer que a Silvana já fez uma boa explanação de tudo que as pessoas estão sofrendo, acredito que outras mães também vão fazer isso.

Vereador, com todo respeito, esses dados que o senhor nos traz, o senhor nos traz dados de 21 e nós estamos em 23. É constatado que as nossas dificuldades se iniciaram no final de 22. Então, esse dinheiro que foi economizado, porque foi economizado em 21, se caiu a

demanda, então o dinheiro que era para ser investido, caiu. Então por que agora essa dificuldade de fornecer o serviço? Essa é uma das questões.

Então trago aqui esses questionamentos. Precisamos ter dados de 2022, ter dados atuais, do que está acontecendo hoje. Qual é a demanda reprimida? O Atende fala, para mim, em nossas reuniões que tem mais ou menos 1500, 1600 pessoas esperando o serviço.

Eu tenho amigas com deficiência física que estão perdendo terapia, porque não conseguiram entrar no serviço. De dois a seis meses? Nós temos prazo para entrar no serviço, não é assim: “bate, pronto. Agora eu vou começar”, não é. Eu mesma, na cadeira de rodas, fui atropelada e quebrei o meu braço, e não fiz fisioterapia com o serviço Atende porque levaria dois meses para entrar no serviço; então, como eu faria a fisioterapia?

Portanto, eu acho que a gente precisa realmente estudar o regulamento, ver o que está acontecendo e fazer uma força para que esse regulamento realmente seja mudado, porque nós estamos na luta desse regulamento desde 2017, quando do meu primeiro mandato no Conselho, e nós não conseguimos mudar uma vírgula, em seis anos. Não conseguimos mais eventuais; não conseguimos mudança de transporte para, por exemplo, pessoas que estudam e trabalham. Então, ou só estudam, ou só trabalham, ou só vão para o médico; não dá para fazer mais nada.

Nós precisamos de transporte. Foi o que eu solicitei também à Dra. Renata quanto ao piso baixo, que era para poder usar o transporte público, mas ele ainda não está com o piso baixo, nós ainda estamos lutando para que isso seja incorporado à frota.

Realmente, temos muitos problemas. E eu queria destacar mais alguns dados: Diz a ONU que nós somos 15% da população. Em São Paulo, somos aproximadamente 1,5 milhão de pessoas com deficiência. Aproximadamente. Vamos reduzir a 400 mil pessoas com mobilidade reduzida, autistas, surdos, cegos. Que sejam 300 mil. Hoje o Atende tem 5 mil inscritos. Como atender, como dar mobilidade a todas essas pessoas? Nós precisamos de política pública para tirar as pessoas com deficiência da prisão, que é a sua casa.

Quando as pessoas são presas, que elas cometem um crime, o primeiro direito que

é retirado delas é o de ir e vir. Vocês todos, com deficiência ou não, passaram dois anos presos em casa durante a pandemia. Foi gostoso? Vocês gostaram dessa experiência? Agora, imaginem eu, que tenho 59 anos, quanto tempo eu já fiquei presa na minha casa, e estou. Assim como eu, há muitas outras pessoas com deficiência.

Está presente uma representante de Itaquaquecetuba, onde não existe esse tipo de serviço. Como ela sai de casa? Como ela chega aqui? Por que as pessoas com deficiência não encheram este plenário? Porque elas não têm como vir aqui, elas não têm como chegar à Casa do Povo.

Outra preocupação que trago é a seguinte: se eu tivesse conseguido trazer as pessoas com deficiência, cadeirantes, eles não conseguiriam subir, porque só poderiam entrar aqui cinco pessoas. Então, eu não dormi esta noite pensando: “E se forem mais de cinco cadeirantes, o que nós faremos?”. É a Casa do Povo. E pessoa com deficiência não é povo?

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK. Essas foram as palavras da Sra. Sandra Ramalhoso.

Agora, convido a Sra. Marinez Lourenço Cruz, mãe de usuário do serviço Atende.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – Bom dia a Mesa, bom dia a todos, bom dia ao pessoal da SPTrans.

Tenho um filho autista de nível de suporte 3, severo, não-verbal, com 13 anos de idade, que conseguiu o Atende via judicial, e eu vim porque queria entender a logística do pessoal do Atende quando colocam um autista severo para rodar duas, três horas, dentro do carro, para ele ter crise.

Eu sou uma mãe militante, do Capão Redondo e Campo Limpo, sobre o autismo, e escuto muita demanda de mães dizendo que ficam de 45 minutos a uma hora esperando o Atende até a criança ter crise. O meu filho não aguenta esperar 15 minutos, que ele tem crise de autoagressão e de heteroagressão. Por isso, quero entender melhor essa logística.

Gostaria que o pessoal do Atende me respondesse sobre essa logística e a demora,

porque algo que deveria ser meia hora, que é perto de casa, eles demoram duas horas, uma hora, para o retorno. As mães questionam muito isso e eu sempre tento orientá-las.

Um autista severo não aguenta esperar 15 minutos. Então, essa pessoa que faz a logística não sabe o que é autismo, não sabe como lidar com o autismo e não sabe como conter o autista, como eu também não sei.

A Dra. Renata falou aqui que não adianta o autista ter um atendimento de excelência, sendo que ele tem crise para entrar e tem crise para sair. Isso é muito difícil, e a gente não quer ficar trancada com os nossos filhos dentro de casa, porque eles precisam sair, eles precisam fazer as terapias, eles precisam ser estimulados para ter qualidade de vida.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Vanderleia Crepaldi Dias, mãe de usuário do serviço Atende.

A SRA. VANDERLEIA CREPALDI DIAS – Eu comecei a usar o Atende há pouco tempo, porque a minha filha é autista e ela tem dificuldade com transporte, de lugares muito cheios.

Ela estudava perto de casa, mas a Prefeitura fez a gentileza de não ensinar direito: ela ia para a escola com o caderno em branco, voltava em branco, não tinha plano individual, não tinha nada. Então, eu a tirei da Prefeitura e consegui uma vaga em outra escola; enfim, ela começou a usar o Atende.

Agora, ela está com 14 anos, então terá que usar o Atende durante uns bons anos, até terminar o Ensino Médio. E, para mim, a parte mais difícil é realmente a logística. O Zé Carlos me ajuda muito, eu ligo para ele, peço ajuda e ele me ajuda. Mas, por exemplo, eu passo em Moema, vou até a AACD, depois, volto para deixar a Laura na escola. Eu queria saber o que está acontecendo, porque os funcionários também que dirigem lá também não estão gostando muito, estão reclamando, falando que está puxado para eles, quer dizer, então, não tem ninguém satisfeito. Eu queria saber porque também estão reclamando que as vans estão com a manutenção mais ou menos, quem fiscaliza e como é que funciona?

Também se essa logística não iria melhorar, por exemplo, essas tecnologias novas, inteligência artificial, poderia usar, também, para melhorar a vida da gente. Também o fato de os funcionários não estarem satisfeitos com a van que está sendo entregue, a questão da segurança, de uma lanterna que não funciona, o freio. Eles ficam com medo de reclamar e perderem o emprego, por isso eles não reclamam. Eu falei que estão colocando a nossa vida em risco também. Todo dia trocam de van. Às vezes, quando vão trabalhar, a van não está boa, mas vai embora, seja o que Deus quiser.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – D. Vanderleia, só para eu entender um pouco melhor. Então, a senhora está dizendo o seguinte: que os próprios motoristas estão relatando as más condições do veículo?

A SRA. VANDERLEIA CREPALDI DIAS – Sim.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – E o que a SPTrans está fazendo?

A SRA. VANDERLEIA CREPALDI DIAS – Nada.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. VANDERLEIA CREPALDI DIAS – Eles têm pedra nos rins.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – É que a senhora está falando e, como não está ao microfone... a senhora pode repetir.

A SRA. VANDERLEIA CREPALDI DIAS – Eu vim hoje aqui mais por causa disto: realmente, o Atende me atende. Têm alguns probleminhas, mas, enfim, o José Carlos sempre quebra o meu galho.

Mas quero falar o seguinte: é constante os motoristas reclamando que os carros não estão em condições de direção, com questões de segurança, porque eles chegam na garagem e falam para eles que têm que ir com essa van. Eles têm que ir. Não é um ou dois; são vários. E, também, essa questão de eles não terem tempo de tomarem água e irem ao banheiro; vários têm problemas nos rins, operam e ficam de licença.

Se querem um serviço de excelência, têm que pensar, também, no funcionário

porque, às vezes, a gente fica até constrangida. Ficam bravos porque falam que está zoado o negócio. Eu falo: “eu posso tirar foto?”; eles: “não, porque, senão eu vou ser mandado embora”. Todo mundo está lutando por um trabalho. É isso.

Outra coisa também: as necessidades têm que ser específicas e não necessidades especiais, porque cada um tem a sua necessidade. Por exemplo: a minha filha tem necessidade funcional e tem necessidade no ônibus. Então, ela poderia ir, perfeitamente, sem o acompanhante para a escola. Eu poderia trabalhar, porque estou com 50 anos e ainda posso trabalhar. Mas eu não consigo, porque a levo, volto para buscar.

Eu tenho, por exemplo, o laudo de todos os médicos dela no sentido de que ela pode ir só. O que ela tem dificuldade é de andar no ônibus. Mas ela é extremamente funcional. Ela é adolescente e não gosta de ficar muito perto da gente. Ela quer a vida dela. Ela vai fazer o ensino médio, e lá vai a mãe... não é por nada, mas, enquanto isso, eu vou cuidar da minha vida, porque eu tenho depressão, às vezes, eu tenho que tomar clonazepam para ir, porque tenho crise de pânico e volto dopada.

Isso tudo tem que ser visto, já que querem um serviço de excelência.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

Então, essas foram as palavras da Vanderleia Crepaldi Dias. É um desabafo o que ela acabou de trazer aqui.

É lamentável porque temos o serviço Atende como um serviço de excelência reconhecido mundo a fora. Já foi premiado, inclusive, porém essas últimas informações são lamentáveis.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Vereador, não considere as nossas falas como desabafo. Sabe por quê? Quando um psicólogo ou uma amiga minha escuta um desabafo meu, ela não vai resolver o meu problema. Vai só escutar. Então, não considere as nossas falas como desabafos.

Nós estamos aqui reivindicando melhoria do serviço e não estamos desabafando; senão, eu procuraria um psicólogo.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, eu entendo.

Estou dizendo em função dos problemas que estão acontecendo, que eu tenho certeza de que na Câmara Municipal nenhum Parlamentar tinha essas informações. Agora estão ficando registradas nos Anais desta Câmara Municipal. É isso o que quero deixar claro. Os técnicos da SPTrans estão ouvindo. Há, pelo menos, três. São pessoas altamente competentes, porque conheço um a um. É preocupante pelos problemas que estão sendo apontados aqui. É nesse sentido que estou dizendo.

Sei das reivindicações, e nós vamos cobrar, pedir fiscalização, porque é inadmissível isso.

Então, a próxima é Tabitha Fortuna, mãe de usuário do serviço Atende.

A SRA. TABITHA FORTUNA – Bom dia a todos.

Primeiro, eu quero concordar com o senhor, porque eu acho um desrespeito o pessoal da SPTrans estar *on-line* e não presencial, para olhar para a gente.

Quero fazer uma menção, Sr. Vereador, que disse que o Atende é um serviço de excelência, ou a gente tem conceitos diferentes do que seja excelência ou quem avaliou o serviço não é usuário. Um serviço muito melhor oferecido para crianças deficientes – estou falando de crianças, infelizmente, não tenho tanto contato com adulto deficiente –, mas é o Ligado da EMTU. Ele não é de excelência, mas é infinitamente melhor do que o Atende. Qualquer pessoa que faça uso do Ligado, vai saber que é muito melhor.

Não vou relatar os meus problemas pessoais, porque, senão, a gente iria passar uma tarde inteira conversando e não iríamos chegar ao fim dos meus problemas pessoais.

Eu quero deixar para o pessoal da SPTrans algumas questões que eles não responderam: primeiro, quem é que faz a logística do Atende; é uma máquina ou uma pessoa? Se é uma máquina, não passa pela revisão de uma pessoa? Se é uma pessoa, essa pessoa dirige? Essa pessoa mora em São Paulo? Conhece o trânsito de São Paulo? Essa é a primeira pergunta.

A segunda pergunta: quando foi feito o regulamento do Atende, foram consultados

os usuários desse serviço? Como seria útil esse serviço para eles? Foram consultados os médicos especialistas? Foram consultados terapeutas ligados à área?

Porque, para dar um exemplo bem básico: os carros do Atende têm elevador; quando você liga o elevador, ele faz assim “pi-pi-pi-pi”. Meu filho é autista nível três, como o de muitas pessoas que estão aqui. Esse “pi-pi-pi” faz o menino enlouquecer e desregular. É realmente necessário que se tenha esse alarme para acionar o elevador? Se não tiver o alarme, ninguém vai vê-lo? Ele para em uma calçada. Ele não para no meio da rua.

Então, quem fez esse regulamento? Se deu ao trabalho de consultar as necessidades do usuário ou fez assim: “vamos fazer bonito”, vamos fingir que a gente agrada. A impressão que a gente tem é que “a gente dá qualquer coisa para ele se contentar e parar de reclamar”. Não é assim. A gente usa o serviço porque a gente precisa. Existem necessidades.

Ao contrário do que a colega disse, eu entendo, não dá para atender as necessidades específicas de cada um, cada um é um, cada um tem uma necessidade diferente. O que incomoda o meu filho não incomoda o filho dela, não incomoda o filho dela; mas existem algumas coisas que são comuns, desregular sensorialmente é uma das coisas que é comum; não esperar, porque o serviço diz para a gente que a gente pode chegar até 45 minutos antes ou ser retirado até 45 minutos depois. Eu quero que me apresentem uma criança autista, principalmente as que têm TDAH, que é uma comorbidade comum do autismo, que consiga esperar cinco minutos, cinco. E não 45, e no meio da rua, com carro passando.

Devido a essa lei do Atende, desculpe, a esse regulamento do Atende, desculpe, aí eu vou falar de uma questão pessoal, de uma reclamação minha que, de uma maneira muito delicada, falaram que eu era folgada pedindo para alterar o horário do meu filho, e meu filho que já foi quase atropelado cinco vezes, nos últimos três meses, cinco vezes. Se meu filho for atropelado, quem responde por isso? O Atende ou eu, que não consegui segurar uma criança que tem oito anos e bate aqui, tem 1,40 cm e pesa 40 quilos? Então, assim, é pensar também um pouco mais na responsabilidade social do serviço e na segurança do usuário.

Em relação ao que elas estavam falando dos motoristas, sim, os motoristas

trabalham pressionados. Eles são obrigados a fazer a limpeza do veículo, o veículo muitas vezes está sujo porque eles não limpam e quando limpam, limpam por dentro. Quando você olha, aqueles vidros estão completamente embaçados. Eles não têm autonomia para dizer qual rota foi determinada a eles, e não é inteligente, porque se fizessem de outra maneira seria mais inteligente, mais funcional, seria melhor para o serviço deles.

Há um motorista que está há três semanas reclamando da rota, porque eu passo na porta da minha casa, não posso desembarcar para pegar outra usuária, e daí ela volta para me deixar em casa e ela chega atrasada no atendimento por causa dessa curva, e eu não posso desembarcar. Então, realmente, isso é logística, isso é uma coisa inteligente? Foi planejado por uma pessoa que pensa, foi feito por uma máquina e sem a correção de uma pessoa que pensa?

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vou passar a palavra ao Deputado Jorge do Carmo. (Pausa).

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Calma, a senhora vai falar. É porque o Deputado tem um compromisso às 11h30h e em seguida, após o Deputado, a senhora fala. Pode ser? (Pausa). Então, vamos lá. (Pausa). Não, vai falar, todos os inscritos vão falar. É que nós combinamos três minutos, mas acho que entenderam um pouco mais. Vou repetir: são três minutos, mas tudo bem.

O SR. JORGE DO CARMO – Obrigado, Vereador; obrigado pela tolerância comigo.

Quero pedir desculpas a vocês porque eu tenho realmente outro compromisso, lá no extremo da zona Leste, em Guaianases, está marcado para às 11h, mas eu fiz questão de vir a esta audiência pública dada à importância da causa, é uma causa nobre.

Ouvi atentamente as pessoas que estavam falando, trazendo aqui as suas angústias, as suas reivindicações e preocupações, certamente uma preocupação que deve ser desta Casa, em especial da douta Comissão presidida pelo nobre Vereador Senival Moura.

Dizer que esse serviço já foi reconhecido como de excelência, e se é de excelência

a gente não pode ter problemas como os que estamos ouvindo aqui. Ele não pode perder, não deveria ter perdido essa notoriedade, essa característica, essa qualidade. Por isso, precisamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance, esta Casa e todos os políticos, inclusive, para que consigamos recuperar a excelência desse serviço.

Então, Vereador Senival, quero dizer do meu comprometimento junto contigo, eu estou Deputado Estadual, mas moro na cidade de São Paulo, moro na periferia da cidade de São Paulo, em Cidade Tiradentes, então, sei das dificuldades especialmente de quem mora mais afastado dos grandes centros, na região central.

Quero lhes dizer que o serviço foi regulamentado, é lei da cidade, mas precisa manter a excelência e para manter a excelência é preciso que os técnicos da SPTrans, da Defensoria Pública, esta Casa de Leis, a Casa do Povo, ouçam sempre, e uma audiência pública é para isso.

Se o serviço estivesse de excelência, que é o que a gente almeja, que queríamos tivesse continuado, não precisaria fazer audiência pública, não é, Vereador? Desnecessário seria fazer audiência pública num sábado, mas se tem audiência, se foi reivindicada é porque o serviço está piorado, está precarizado, está faltando investimento, está faltando melhorias, está faltando usar recursos para esse fim. E na cidade não faltam recursos, esta cidade tem um Orçamento de quase 100 bilhões para este ano, e para o próximo ano, creio eu, ultrapassará os 100 bilhões. O Vereador está me dizendo, a estimativa é de 107 bilhões. Hoje se a gente pesquisar, e vocês sabem disso, a cidade tem mais de 35 bilhões ou mais em caixa.

Então, não é possível que a gente veja uma cidade que está guardando dinheiro para fazer caixa, e não é uma instituição financeira para fazer caixa e, enquanto isso, um serviço de extrema importância, como é o serviço Atende, o atendimento está sendo precarizado.

Então, saudar os técnicos da SPTrans, que estão virtualmente nesta audiência pública. Dizer que é bom ouvir, é importante ouvir essas declarações, reclamações e a expectativa é que, após esta audiência pública, possamos melhorar esse serviço, que volte a ser de excelência. Tenho certeza de que esta Casa não medirá esforços para isso, em especial a

Comissão de Trânsito, Transporte e Atividade Econômica, presidida pelo Vereador Senival Moura.

Quero pedir desculpas e licença a vocês, dizer que vou sair para outra atividade, mas certamente acompanhei e o que estiver ao nosso alcance, dentro das nossas limitações, claro que essa é uma atividade municipal, mas aquilo que estiver ao nosso alcance, reivindicar, cobrar, será para estar com vocês nessa luta em defesa da excelência do serviço Atende.

Muito obrigado, tenham um bom dia, Deus abençoe, um ótimo sábado a todos vocês.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

Então já agradeço ao Deputado Jorge que saiu devido a outro compromisso, mas nós vamos ficar aqui tocando a audiência.

Agora será a Sra. Lola Taieb, mãe de usuário do serviço Atende. Por gentileza, a palavra por até três minutos.

A SRA. LOLA TAIEB – Boa tarde a todos.

Não sei se é pouco tempo porque a maioria das coisas já foram ditas, e ditas muito bem. Eu me sinto até privilegiada porque a minha filha, a deficiência dela é física e talvez um pouco de comunicação e tal. E tem coisas aqui que foram ditas e eu não sabia que poderiam ser colocadas aqui também. O fato do “pi-pi-pi-pi” para ela é horrível. Teve uma vez... Bom, não vou citar casos particulares, eu vou seguir como todo mundo, com o geral.

Surpreendeu-me muito o fato de ter diminuído o número de usuários, porque o maior problema dela, no momento, é a mudança de rota. Já havia um carro que servia a ela nas terças-feiras, ela simplesmente mudou a rota e o horário e não tem mais isso. E justamente nessa terça-feira ela conseguiu um trabalho. É uma vez por semana o trabalho dela, e ela está pagando para trabalhar, porque não vai perder essa oportunidade maravilhosa de integração mesmo. Pela primeira vez, ela está integrada a um trabalho que realmente reconhece o deficiente, enxerga o deficiente. Essa é a maior dificuldade deles: que as pessoas os enxerguem através da sua deficiência.

Quanto ao Atende, eu fiquei surpresa que diminuíram as pessoas. Quando a gente consegue falar com alguém de lá, a desculpa é de que não há carro suficiente, porque aumentou muito a demanda. Então, eu fiquei surpresa com tudo o que está acontecendo.

A minha filha tem problema de dicção, então ela tem que me pedir para explicar para os atendentes do 156. Então, quando passam para o Atende, é excelente, eles têm o maior carinho com ela e quando não entendem pedem para ela repetir. Agora, o 156, até que a gente consiga que eles atendam, já é um privilégio; depois, até que eles transfiram para o Atende, fazem um monte de perguntas e não resolvem.

Seria interessante, talvez, uma linha direta do Atende, nem que a gente fique um tempão esperando na linha, no viva voz, e vai fazendo o que tem que fazer.

Quanto ao horário: houve uma vez em que ela ficou doente de manhã e o carro chegaria às 12h50. Então, nós tínhamos que ir ao pronto-socorro e foi uma complicação para avisar para o Atende, o carro já estava lá, mas não dava para ela entrar, porque ela estava com Covid. Assim, tive que mandar um *e-mail* avisando, mandar o atestado e esperar para saber se seria justificado, ou não. São alguns problemas de regulamento até.

Sobre a ouvidoria, foi até interessante esta audiência pública porque há quatro meses tem essa ouvidoria. Primeiro, ela é voluntária, ela tem chance de trabalhar mais um dia nesse voluntariado, que está sendo muito importante para ela também, mas ela fica muito preocupada até, pelo quadro dela, por tudo que a gente houve também. Segundo, o problema dos motoristas também, que ela me relata o quanto sofrem, porque o elevador não funciona e o deficiente tem as suas limitações e muitas. Aparentemente, não; mas tem.

Então, a ouvidoria chegou na hora certa, porque a gente não tem com quem falar. A gente liga para o SPTrans, passa para o Atende e a resposta do Atende é para eu ler o regulamento. Já li o regulamento.

Eu cheguei a ir pessoalmente. Fomos até o Tucuruvi e nos disseram “Ah, não é aqui, é na central”, fomos até a Boa Vista, ele junto, e vai no braço. Sou eu e ela. Eu tenho que trabalhar, mas aí vamos, porque ela não pode ficar sozinha. Houve uma época em que ela era

muito autônoma, hoje não dá mais. Chegamos lá, fomos muito bem atendidos, os rapazes são maravilhosos, mas eles não podem fazer nada.

O último deles me falou para eu procurar a ouvidoria. Como já estávamos na Boa Vista, fomos até a ouvidoria, mas tem que marcar hora, tem que não sei o quê, e eu falei para ela: “Vamos esperar mais um mês? Quem sabe, em julho, você tenha esse...”, são quatro meses, cinco, ela vai fazer agora. O que ela recebe, ela gasta de Uber, táxi, mas Uber não respeita também, eles não a deixam perto da calçada. “Ah, mãe. É melhor eu ir de táxi”. Se ganha para isso, vai. Ela vai às sextas, quando ela tem o Atende. De segunda-feira, ela não está indo.

Para concluir, nesse trabalho que ela é voluntária há um rapaz que mora a cinco quadras atrás da gente. Eu já escrevi um *e-mail* para o SPTrans para arrumar esse roteiro, porque ele vai com um carro do Atende e ela vai com outro, e não há necessidade. Os dois vão sozinhos e sem acompanhantes.

Pasmem: eu mandei o número, sugeri como poderiam alterar a rota, eu mandei tudo direitinho para eles e, na volta, ela vai com uma menina que vai até a Paulista, em cima da Nove de Julho. Ela sai às 5 e chega às 7 em casa, sem necessidade, porque é caminho para levar o garoto que está ali atrás.

Eu mandei a rota. “Ah, é robô que faz”. Gente, espera aí. Tem de haver a inteligência atrás da inteligência. Será que tem? Eu dei todo o roteiro, eu dei a dica de como faz.

Agradeço a todas as mães presentes e fico muito triste porque é difícil falar com eles. E estou triste também pelos usuários. Gente, tem tanto usuário, são 5 mil usuários, e aqui não tem 50; talvez um pouquinho mais, porque ela está representando mais gente.

Peço desculpas por passar o tempo. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – A senhora realmente passou um pouco do tempo, mas eu até estou deixando para a gente entender, porque depois os técnicos vão responder e vou pedir um prazo que eles achem razoável para melhorarem isso. E vou pedir uma nova audiência pública, que já quero combinar com vocês, para a gente entender como foram as devolutivas.

Se for o caso, nós teremos que direcionar para outro setor, porque o serviço Atende – até onde eu conheço – não é para estar nessa situação. Eu achei muito estranho, porque nós não recebemos essas denúncias aqui na Câmara. É muito estranho isso.

O canal de comunicação está um pouco... Há até a Assessoria Técnica da douta comissão. Estão aqui o Fernando, a Fátima e uma equipe. Eu pergunto a eles se esses questionamentos, esses apontamentos estão chegando aqui à Comissão.

Então, o que a gente quer? A gente quer as informações, para tentar contribuir com vocês e para tentar ajudar a resolver; mas, para a gente resolver, nós precisamos pegá-las e cobrar da SPTrans, porque as operadoras recebem por esse serviço. E, com base no relatório aqui, tem aumentado significativamente o valor, os recursos pagos. E, com base no relatório, devem estar faltando dado, porque a SPTrans não mandou de 2022, e eu vou fazer um requerimento na próxima quarta-feira. É bom os técnicos que estão acompanhando saberem isso. Nós vamos fazer um requerimento, pedindo informações dos dados de 2022 até os dias atuais, porque esses dados não chegaram aqui para a comissão.

A aí a ausência desses dados pode dar uma discrepância também no relatório em todos os sentidos. Então, a gente já vai pedir para que se prepare o requerimento, para, na próxima quarta-feira, nós aprovarmos aqui. E aí essas informações virão após o recesso. E aí, eu combino já com vocês uma nova audiência pública.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Todas essas reivindicações foram feitas desde o final do ano passado. Nós mandamos. Temos tudo isso registrado. As mães se organizam e fizeram essas reivindicações enviadas para o *e-mail* do SPTrans e para o Atende. Depois nos organizamos efetivamente, a partir de março, por meio de um grupo. Ele é virtual e presencial.

Peço a delicadeza. Esse documento que eu entreguei são as nossas reivindicações feitas em cima da mudança do regulamento, porque aqui foram colocadas muitas questões individuais que não são individuais. Só quando a gente entender que é grupo... Isso é mais do que 70%, 80%, sobre a questão das viagens. São demandas muito grandes. Estão nesse

documento. E, em toda vez que a gente reclama, a resposta é: “O regulamento nos deixa fazer isso”. Como ela já falou: “Leia o regulamento”. As pessoas são cortadas da terapia; está no regulamento.

Então, gente, precisamos. Já trabalhei nisso. Li regulamento e colocamos as sugestões. Já é a terceira reunião ou mais que a gente está tendo com pessoal do Conselho e a SPTrans, discutindo, tentando que seja escutado isso.

Então, peço, por favor, que isso seja lido e levado em consideração, porque essas reivindicações já acontecem desde o ano passado, efetivamente desde março, com reuniões que há com o Conselho, SPTrans e nós, do grupo, brigando, colocando todas essas questões e estão aqui como sugestões. Não é de agora. Isso foi individual, mas não é individual. Só quando a gente entender o que é grupo é que nós vamos conseguir ser escutados e hoje estamos conseguindo aqui. Não é só com você. Isso é geral.

E há coisas piores ainda que a gente sabe e a gente escuta. Não é só com a gente. Isso não é ruim e é bom ao mesmo tempo.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Alessandra Calixto.

A SRA. ALESSANDRA CALISTO – Bom dia a vocês. Eu queria mesmo falar para o Atende. Primeiro caso, sobre o que elas falaram, do motorista, é tudo verdade, gente. Meu filho tem paralisia cerebral.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Só um minuto.

Eu preciso anunciar que está presente, de forma virtual, o Sr. Flávio Aduino Fenólio, Chefe de Gabinete da Secretaria da Pessoa com Deficiência. Ele entrou há alguns instantes aqui. Eu havia questionado, no início, na forma que eu falei: “É inaceitável que, numa audiência pública para tratar dos assuntos da pessoa com deficiência, a Secretária da Pessoa com Deficiência, até este momento, não tenha respondido o questionamento feito pela Comissão”, mas aí o Flávio entrou. Então, o Flávio está acompanhando. OK?

Eu vou restabelecer o tempo da senhora. Vai começar do zero novamente.

A SRA. ALESSANDRA CALISTO – Pretendo ser rápida, gente.

A questão do Atende é assim: A mãe da Gabriela está ali. Como é que pode uma criança que tem paralisia cerebral, que não fala e não anda... Aí o motorista é obrigado a deixar uma criança às 7h15 da manhã na escola, sendo que a escola abre dez para as oito, sozinha. Eu vi a mãe dela está ali. Sozinha, deixam uma criança sozinha. É um descaso. Nossa. Eu uso o Atende há 17 anos. Meu filho tem 24 anos. De um ano para cá, eu nunca me decepcionei tanto com o Atende como agora.

Estou muito triste, porque o meu filho tem convulsão. Aí o Atende chega e a criança acaba de ter convulsão. O motorista falou: “Nossa, a senhora vai levá-lo assim?” Eu não levo. Podem cancelar, como eu estou cancelada há um ano. Eu fiz a programação e até agora não saiu. Falam que não há demanda. Para uma criança especial, não falam e não andam, mas têm aquela dinâmica, ao saírem todos os dias. Eu não vejo mais a felicidade no rosto do meu filho, quando ele saiu para ir à escola, porque há um ano ele está em casa. Ele está agitado e tem crise convulsiva. Aí eu vou chegar ao meu filho e falar: “Não, filho, o Atende não vem”. Meu filho não entende isso. Ele entende que é o Atende. Eu fui à festinha, nesses dias, em sua escola, de ônibus, porque eu não tenho carro.

Aí, o Atende para lá e ele fica assim, todo nervoso, porque ele não tem entendimento. Como a criança usa o Atende há 17 anos, e fazem isso com uma criança? Falam que não há demanda. Fora que quando a gente liga lá, eu falo: “Gente, como não há demanda? O Atende passa aqui pela minha casa quase todos os dias”. Eu moro a vinte minutos da escola – sabem o que falaram para mim? “Então, a senhora vai a pé”. Falaram isso no próprio central do Atende.

Eu vou falar do meu filho. O meu filho é Felipe Calisto de Araújo e a sua credencial é 1038. Se quiserem punir, podem punir, porque eu vou lutar pelos direitos do meu filho até o fim.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Têm que corrigir seus erros.

A SRA. ALESSANDRA CALISTO – Eu vou lutar pelos direitos do meu filho onde for. Largam as crianças lá. Eu fui largada às 7h15 da manhã, na chuva, na garoa. O motorista falou: “Eu não posso fazer nada. Eu tenho horário e é tudo pelo GPS”. Eu tenho dó. É na garoa. É justo

fazer isso? Não sabem o que é acordar cedo, levar seu filho e ver o sofrimento e a correria quando uma criança está tendo convulsão.

Um tempo atrás, eu levei meu filho com convulsão para a escola e tive que ir atrás para poder chamar o carro, para poder levar meu filho de volta para a escola porque, cancelaram, como eu fui cancelada, porque eu não justifiquei. Aí a gente liga, meu filho passando mal e tem que justificar porque você tem uma hora antes para justificar. Gente, é desumano total, um descaso total.

Em relação, é isso mesmo que as mães falaram. Eles, os motoristas, é uma falta de respeito também com os motoristas. Tem Atende que vai buscar duas crianças na mesma casa, eles falam que não tem van, são duas crianças na mesma casa, então para que duas vans para buscar duas crianças na mesma casa? Cada uma vai buscar uma?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Isso é errado.

A SRA. ALESSANDRA CALISTO – Errado?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Erradíssimo.

A SRA. ALESSANDRA CALISTO – É isso que eu digo, queria que estivessem aqui para eu olhar bem na cara deles para saberem o que é uma criança especial, uma criança que tem convulsão, que não sabe andar, que não sabe falar, mas é gente, gente. Ele é gente, ele é humano. Estou falando por mim, mas tem um monte de mães também e as crianças são assim.

É só isso que eu tenho para falar. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK. A próxima é Maria José, mãe de usuário, por gentileza.

A SRA. MARIA JOSÉ – Bom dia a todos.

Meu nome é Maria José, a minha filha tem 42 anos. Faz 30 anos que ela vai no Cantinho da Esperança, ou seja, no Josefa Santiago. Agora, ela passou para esse, porque é uma pessoa mais comprometida. Então, eu solicitei o Atende porque ela ia particular, mas teve a pandemia, nenhuma perua particular queria me pegar na minha casa e levar até o Cantinho. E nem os de lá vem na minha casa, porque dizem que a distância é muito grande.

Solicitei o Atende, fiquei um século para ser atendida, quando fui atendida, eu falei: eu posso ir às quartas-feiras, e aí eles vieram pegar a Camila nas quartas-feiras. Como de quarta-feira ela tem médico, meu marido agora também tem médico, geralmente é tudo na quarta-feira, eu fazia curso, falei assim: “dá para vocês mudarem de quarta-feira para terça-feira?”. Fiz uma ficha, levei para o médico, fiz tudo e levei lá. E estou esperando até hoje eles mudarem porque me tiraram a quarta-feira e não puseram a terça, estou esperando já faz três meses. Ligo lá, reclamo e eles falam: “todo dia 30 você liga aqui, no último dia do mês me liga aqui para saber o que vai acontecer”. Eu ligo e nada acontece.

Minha filha tem paralisia cerebral, tem condições de ir sozinha, mas o Atende não aceita ela. Estou aqui com todos os documentos dela, com o CID, ela pode ir sozinha e eles não aceitam. Eu tenho que ficar em casa, porque eu tenho meus compromissos também, e eu tenho que acompanhar ela todos os dias para ela ir todos os dias, tenho que ir junto. Então escolhi um dia só, e só esse dia eles me negaram, não estão pegando ela, mas ela tem condições de ir todo dia.

Vocês podem ver, o CID dela está aqui, tem uma ficha para ela ir todo dia, tem que levar na Prefeitura, a Prefeitura mudou, não me atendeu, mandou eu ir para outro lugar. Agora eu tenho que ir noutro lugar, entregar esta ficha para eu ver se pegam ela todos os dias.

A escolinha diz: “ela precisa vir todos os dias, não um dia só”. Faz 30 anos que ela vai lá todos os dias, agora vai um dia só? Mas é por falta de transporte. Comecei a levar ela de Uber, todo dia, quando terminou a pandemia porque a Prefeitura me intimou, falou que ela, se não fosse, ia perder a vaga da escolinha. Por causa disso, precisei levar ela todos os dias de Uber, todos os dias. Agora me cortaram a quarta-feira e não colocaram a terça. É meu marido que está levando ela de carro, e não é mole, não, meu filho, e eles não estão nem aí.

Então a gente precisa resolver esse problema. Igual eu falo, no 156, eu ligo lá, fico uma hora, 40 minutos ouvindo musiquinha até o Atende me atender, e quando atendem a resposta é sempre negativa, ninguém fala nada de positivo. E a escolinha falou, vai ter uma reunião tal dia, lá na Câmara, quem puder ir, vá quem tem reclamação do Atende. Eu falei, fui a

primeira a falar “eu vou” e a Alessandra também falou. A gente chegou aqui 8h para fazer essa reclamação, só que todo mundo foi passando na frente, eu não sabia o porquê, depois a Fátima falou, é porque eu não me inscrevi para falar como usuária...

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Mas agora a senhora falou.

A SRA. MARIA JOSÉ – Está tudo aqui, se vocês quiserem conferir que a minha filha...

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Não, nós acreditamos no que a senhora está dizendo, pode ficar tranquila, está registrado.

Eu anotei, estou anotando os pontos principais de todos vocês. Se perguntarem, eu tenho todos os pontos, desde a primeira fala, que é justamente para depois a gente questionar aos técnicos da SPTrans.

Agora é Valdemira Farias Paiva, fique à vontade.

A SRA. VALDEMIRA FARIAS PAIVA – Meu nome é Valdemira, eu moro em Itaquaquetuba.

Eu vim falar um pouco sobre o descaso em Itaqué. Sei que não tem nada a ver com São Paulo, São Paulo é uma coisa, Itaqué é outra. Em Itaqué, os cadeirantes dizem que na gestão passada, foi roubado o carro que levava os cadeirantes para fazer fisioterapia. Eu lembro de que andei nesse ônibus, era um micro-ônibus, dizem que foi roubado e agora alegam que não tem carro para as pessoas com deficiência. Então o que tem de gente que me procura dizendo o que fazer sobre a fisioterapia, muitos filhos estão perdendo a fisioterapia na AACD, também na Giorgio Nicoli, na Vila Mariana, por causa de não ter carro. E as pessoas não aguentam pegar trem lotado, ônibus lotado em horário de pico, é muito ruim, entendeu?

Eu já estou há quatro anos nessa luta, eu não desisto do meu tratamento porque se for depender deles... Na Câmara de Itaqué, eu fui lá e fiz três perguntas, fiquei sem nenhuma resposta. Lá, eu não vou mais, porque encher linguiça dos outros, eu não encho mais. Sou uma cidadã, pago impostos, mas lá não tenho direito a nada. Está na Justiça, ele tinha dez dias para dar um carro acessível para mim, e até hoje não tenho resposta. Fico tão indignada, já pedi

socorro, fiz um abaixo-assinado esses dias pedindo para o Celso Russomano, fui lá no alto do Ipiranga. Aí a advogada dele deu um *e-mail* para a gente fazer um abaixo-assinado para mandar para ele.

Então a gente está atirando para tudo que é lado, entendeu? Se eu morasse em São Paulo, será que eu teria essa reclamação? Não teria. Eu acho que lá é muito ruim, muito cruel. Você é levado embora pelos motoristas, sendo ameaçada por causa das calçadas.

Gostaria muito de falar, e não tem nada a ver com Itaquá, mas gente, tem que ter mais guia baixa nas ruas. Hoje eu vim por um viaduto e tive que pedir ajudar para subir duas guias. Então a acessibilidade já era para existir, estamos em 2023, e em 2015 começou a lei do direito de ir e vir. Infelizmente, somos empurrados e vamos que vamos.

Era só isso que eu queria dizer, pedir desculpas. Gostaria muito de pedir, ia pedir para aquele deputado estadual, peguei o contato dele, porque ela poderia divulgar em Itaquá. Se eu pudesse um dia trazer todo mundo para cá para serem ouvidos, seria maravilhoso. A Casa de Conselho em Itaquá é um cabide de emprego, nada funciona.

Acho que é só isso.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK, Dona Valdemira, muito obrigado.

O próximo é o Iran, cadê o Iran? Sempre estão falando as mães, agora vai falar um pai. Por gentileza, fique à vontade para falar.

O SR. IRAN BORGES CARVALHO – Em primeiro lugar, eu acho que a Mesa já é homenageada, mas o homenageado aqui somos todos nós, vocês e eu juntos. Eu me sinto extremamente emocionado, por um momento, porque poucas pessoas são representantes da humanidade, como todos vocês aqui, assim como eu.

Quero cumprimentar os integrantes da Mesa: Sra. Lídia Costa; Deputado Jorge do Carmo, que já saiu; Sr. Altair Neri Bezerra; e Dra. Renata Flores, que já saiu; principalmente quem está conduzindo os trabalhos da Mesa, uma pessoa de excelência que parece ter sido até indicada por Deus, o Vereador Senival Moura. Ele é uma pessoa que trata de um assunto como nenhum cidadão deste país e desta cidade, chamado de transumanismo.

Alguns de vocês já leram sobre o transumanismo. É o uso da tecnologia em benefício próprio, para que as pessoas consigam ter uma vida um pouco melhor, menos sacrificada. Esse é o transumanismo. Esse representante andou nos Estados Unidos, de ponta a ponta, com uma prótese para divulgar exatamente essa questão transumanista.

Eu gostaria de pedir a alguns de vocês, da SPTrans, que estão nos ouvindo, que lessem um pouco de Hans Jonas, que trata do ser humano, que trata do “eu”. São dois “eu”: a matéria e a alma. Mas quem responde mais do que a matéria? É a alma, o espírito. Você pode conduzir qualquer país, porque você tem a inteligência, mas e o seu corpo? É uma matéria. Ela tem ausência de algumas coisas que a própria sociedade vê nela de outra forma e não enxerga o ser como ser humano.

Por que não leu Martin-Heidegger? Por que não leu Hans Jonas, que trata do ser humano, da pessoa humana? Por que o Lula, na sua Comissão, foi para a Inglaterra? Um homem que representa um país de 230 milhões de habitantes, por que ele não levou uma pessoa que está na sociedade e que é um deficiente, mas que tem inteligência, para representar o país? Porque ele traz consigo sabe o quê? Como na antiga Grécia, a exclusão baseada na prática da atividade reprodutiva humana.

Então, o que eles estão reproduzindo neste país, nesta cidade, que é a quinta maior do mundo? Por que ela tem essa ideia de dizer que mães estão na calçada sofrendo com chuva, frio e perigo? Dr. Senival, você é um homem humano, eu reconheço isso e não estou aqui para rasgar seda para você. Quantas pessoas vêm a este palco, quantos representantes do Estado, estão aqui, senão o Sr. Senival? Não tem o rabo preso com ninguém.

Está escrito na Constituição Federal: “A dignidade da pessoa humana”. Nós vamos perecer. O sufrágio do universo é isotrópico. O que quer dizer isotropia? É a igualdade. Todos nós vamos, um dia, perecer. Quanto tempo você vai viver aqui? Duzentos anos? Embora a materialidade prevaleça, o ser, a pessoa humana, a criança, que é inocente, merecem um pouco de respeito. A Prefeitura tem bilhões em seu caixa. Por que não colocar vans à disposição, gente?

Qual é o motivo pelo qual estou aqui? Respeito ao ser humano. Por que, Senival, você acha que eu estou aqui? Porque eu vejo a ilegalidade do nosso lado lá, que está vil, Senival. Tenho um rapaz na minha família, inteligente, esforçado, que viajou para vários países, integrou a gerência do Banco Itaú, gerente de turismo, e viajou por vários países. Conheceu uma japonesa em uma dessas viagens e, com ela, começou a namorar e aquela coisa toda de poesia, de namoro, enfim, casaram. Hoje já não existe o turismo do Banco Itaú, ele está em outra área.

Eles se casaram e, então, a sociedade sempre pergunta: “E aí, não vai ter filho?” A sociedade cobra. Eles tiveram um filho e, tempos depois, ele só movia os olhos. Eles adaptaram um carro deles, não precisam do Atende porque têm uma condição melhor de vida. Mas ele ama aquela criança igual ama a mulher dele. Eles são seres humanos.

Então, gente, pessoal da SPTrans, leiam Hans Jonas, leiam Martin-Heidegger; vejam o ser, a pessoa, quem você é e deem atenção a essas famílias, a todas aquelas, a mim também, que um dia eu posso precisar.

E uma reclamação muito maior do que isso é a seguinte: a burocracia para conseguir um carro do Atende é difícilíssima, parece que é um vestibular para passar na USP. Então, diminuam essa burocracia.

Quando liga para falar com o Atende, fica duas horas parado esperando o atendimento. Eu passo informações para as pessoas que precisam, mas é uma dificuldade muito grande, então peço que diminuam essa burocracia, coloquem mais gente para trabalhar.

Eu agradeço a todos vocês e que Deus dê ao meu sobrinho mais força e que um dia ele possa levantar daquela maca. Agradeço ao Vereador Senival Moura e todos os presentes. Somos companheiros de luta.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Então, essas foram as palavras do Iran Borges Carvalho.

Tem a palavra o Sr. Vivaldo Pereira, pai de usuário do serviço Atende.

O SR. VIVALDO PEREIRA – Olá. Bom dia a todos.

Eu sou pai do usuário Valdinei Pereira, que utiliza o serviço Atende. É cadeirante e portador de paralisia cerebral. A minha reclamação é por conta dos horários, de segunda e terças-feiras, porque ele chega em casa muito cedo, por volta de seis e 45. Ele sai de casa antes das sete, sendo que o percurso é pequeno, entre dez a quinze minutos, até o Espaço Josefa Santiago. Às vezes, ele chega à instituição e ela está com as portas fechadas. E o motorista, às vezes, precisa sair, para ir buscar outro usuário.

Sendo assim, a minha esposa está indo acompanhar o meu filho, para que ele não fique sozinho na porta da instituição abrir, que só abre às 7h40, 7h45. E o retorno também está sendo muito tardio, por volta de uma hora da tarde. Então, é muito tempo para um cadeirante ficar sentado, na sua cadeira de rodas, das 6h20, seis e meia da manhã até às 13h.

Por conta disso, eu acho que seria um pouco melhor se se pudesse melhorar, pelo menos, o tempo, diminuindo o tempo de ficar tanto tempo na cadeira de rodas, e que saia um pouco mais tarde também para sair de casa, para que chegue à instituição e a mesma esteja aberta, para que ele possa ser acolhido. É isso aí.

Muito obrigado e todos tenham um bom dia.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tem a palavra a Sra. Maria de Fátima da Silva Lima, do Instituto IPDA.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Bom dia à Mesa e bom dia a todos aqui que estão presentes. A maioria daqui já me conhece.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Bom dia.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Eu fui Conselheira no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência em três gestões. Hoje eu estou num movimento desde 2019, no Instituto das Pessoas com Deficiência de Anhanguera.

Senival, eu fico triste, às vezes, com algumas falas, que, para mim, são improcedentes. Primeiro, improcedente fala de motorista, porque nós não estamos aqui para discutir problema trabalhista. Não sei se eu estou errada, porque se o motorista tem algum descontentamento é com a empresa e não com nenhuma mãe que ele vai discutir.

Outra coisa, mães, com isso, vocês prejudicam o serviço desses motoristas. Quando se coloca isso aqui, no meio entendimento, vocês estão o prejudicando.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Não, tudo bem, Silvana. Agora sou eu quem estou falando. Vou dizer como mãe.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Tudo bem que você não concorda, mas a empresa dele não vai dizer isso. O que eu quero falar aqui é sobre o usuário.

Senival, quando falam sobre a van, primeiramente é norma do Contran. Eu acho que a Sandra Ramalho sabe disso, que aquilo, no elevador, é norma do Contran, da Secretaria do Transporte.

Outra situação que a gente vê é aqui é que o pessoal está falando em relação ao acompanhante. Uma mãe falou que sua filha pode ir sozinha. O problema é que barram...

E aí eu vou falar para vocês. Não era só a Renata Tibiriçá. Precisaria estar aqui também a Secretaria da Saúde, porque quem faz avaliação dessa ficha que é preenchida – seja para o Bilhete Único, seja para o Atende – é a Saúde. Então, a Saúde também tinha que estar aqui e é uma sugestão, viu, Senival? Para que, na próxima...

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Para a próxima, eu já estou anotando aqui para convidar.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – A Secretaria da Saúde tinha que estar aqui para rever. Se a gente está discutindo uma política pública, vamos discutir o correto. Não adianta só criticar se a gente não aponta as propostas.

Então, a Secretaria da Saúde tem que estar aqui e responder, porque a filha dela não pode ir sem acompanhante. Estão lá para obedecer e fazer, agora dizer também que o serviço do Atende nunca atendeu ninguém, poupem-me. Há deficientes que não estão aqui nesta plenária sabem por quê? Porque moram no alto da zona Leste ou no alto da zona Sul e não conseguem nem pegar um ônibus, um transporte público. Estou falando do transporte público.

Então, por isso que não estão aqui.

Agora quando eu me coloco aqui para falar, é porque eu sou usuária e tenho uma filha deficiente. Recentemente, eu estive na Defensoria Pública e vou dar o meu testemunho. É problema de quem achar ruim. Eu estou para ficar tetra a qualquer momento. Eu estou com esse diagnóstico. Eu tenho esclerose múltipla e tenho uma filha, com 30 anos, cadeirante.

Senival, eu fui entrar na Justiça para pedir o transporte. E sabe o que eu ouvi? “Vai à Prefeitura fazer o cadastro do Atende”.

Eu só quero falar uma coisa para todos vocês: não é só o Atende que há dentro do sistema no município de São Paulo, não. Ela, ali, falou que lá não há nenhum, nenhum tipo de serviço. Em vários municípios, não há. Precisamos melhorar, gente. Eu concordo com vocês, mães, Silvana. Todas nós precisamos melhorar, mas será que não estamos batendo prego em um ponto só? Será?

Então, vamos lá. Quem montou primeiro, Silvana? Quem montou toda aquela regulamentação da lista da saúde do Atende? Quem você acha que montou a sua inscrição do Atende? A ficha de inscrição quem montou? Quem criou? Não foi a Saúde? É isso que eu estou falando, gente, para a gente também chamar a Saúde, para discutir esses pontos, o ponto porque ela não pode ser acompanhante. É isso que eu estou falando, para chamar também a Saúde. É isso o que eu estou dizendo, gente.

Outra coisa, Senival: sobre o serviço do Atende, a gente precisa aumentar outros serviços também similares a esse serviço. Que ele atenda ao seu filho, que não pode até com barulho. Há mães que estão falando: “Meu filho não precisa de elevador para usar o Atende”. OK, beleza.

Gente, agora é hora de a gente ir para as propostas. Está vindo a política aí e a pessoa mais visada é a pessoa com deficiência. O serviço hoje, pelo que eu entendi – quero que o Senival esclareça isso, por favor – ficou meio esquisito. Quando foi falado que caiu o serviço, não é que o número de usuários diminuiu.

Diminuiu-se o atendimento no período da pandemia, pela falta do atendimento de

muitas entidades e instituições terem parado. Essa é uma situação. Não é que caíram os usuários. Depois que voltou o atendimento com esses usuários, multiplicaram-se os atendimentos. Mas em que sentido? Eu fiquei com o atendimento de um dia e o outro ficou com o atendimento de outro dia. Não é que diminuiu o número de usuários. Então, eu acho que isso não ficou muito bem esclarecido aqui. Só isso.

Eu acho que o que a gente tem agora que vir é com propostas.

Silvana, nós estamos, desde 2019, naquele regulamento, desde 2019. A Sandra está nessa gestão e está acompanhando anteriormente. Em 2017, começou e, em 2019, recomeçou. Nós já vamos pela quarta discussão naquele regulamento. É a quarta comissão que entra e ninguém anda.

Então, assim, o Altair está chegando aqui. Ele sabe que sou amiga dele, mas quando tenho que falar, eu falo. O Altair foi administrador do Atende. Se vocês não sabem, ele ficou na gestão do Atende. O Altair, melhor do que eu, sabe que muitos problemas que têm dentro do Atende não pertencem exatamente só à SPTrans; vêm da Secretaria dos Transportes. Precisamos, também, do Secretário de Transportes, chamar a competência do Poder Público, Altair e Senival, dando a responsabilidade a cada um.

Hoje o Atende atende, além do que está na lei, hemodiálise e quimioterapia. Vocês acham que hemodiálise teria que estar nesse serviço? Teria que ser uma competência da Saúde. É isso que estou falando a vocês. A gente gostaria que todas as pessoas com deficiência o Atende atendesse. O real não está sendo o ideal. Não seria ter que classificar o autista, o intelectual, o não sei o quê, todas as pessoas com deficiência, mas a gente sabe que o serviço está sufocado e não atende isso.

Vamos criar propostas nesta Casa do Povo. Vamos nos sentar aqui e discutir melhorias. Uma delas, antigamente, o sistema era atendido pelas empresas de transportes; vocês sabiam que muitas empresas de transporte disseram que não queriam mais o serviço do Atende. Hoje, elas estão com uma frota de ônibus do Município e acabaram abrindo lotes. Então, outra proposta: coloque, de novo, a responsabilidade nas empresas, para multiplicarem esses

carros, para dobrar o atendimento desses carros. Isso também vai resolver. Então, deem essa responsabilidade também para as empresas.

Era isso o que eu queria dizer.

A gente tem que vir propor coisas que possam agregar ao serviço. A gente só chegar e dizer que não presta não adianta. O serviço tem as suas peculiaridades, suas qualidades; na época do Altair também tinha problemas e demandas. Não é dizer que nunca teve. O serviço sempre esteve maravilhoso? É mentira. Vamos encontrar o problema e dar a solução.

As mães dos autistas – muitas mãezinhas, entendo também – precisam ficar em casa; mas vou me colocar como mãe de uma múltipla. Eu não sei o grau do teu filho, mas eu, como mãe de múltipla, não quero um menino de grau 3 com a minha filha cadeirante sozinha. Eu vou conter o teu filho? Estou falando em grau grave, gente. Entenda o que eu estou falando. Eu não vou conter o teu filho.

Então, você acha que um deficiente de um grau alto tem condições de ser colocado com outro deficiente cadeirante? É só uma pergunta.

A gente falar de inclusão...

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Estou só dando um exemplo. Estou falando como mãe. O que está se ouvindo – que eu não queria ouvir – é que muitas mães, tanto da parte do autismo como da parte das múltiplas deficiências, dizendo: “eu não quero ser transportada com cadeirante”. Isso tenho ouvido e me dói, porque a gente tinha que viver todo mundo junto. Isso é inclusão.

O que eu estou falando é isso que tenho ouvido. Eu não suporto, porque não é inclusão. A gente tem que ser incluído, todo mundo. Não é dizer que não posso com “a” nem com “b”.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Fátima, devido ao horário...

A SRA. MARIA DE FÁTIMA DA SILVA LIMA – Senival, eu esperei todo mundo. Já

conclui minha fala.

Só peço, Senival, que, realmente, se encontre proposta de melhoria, mas não é melhoria para uma deficiência. É melhoria para todas as pessoas com deficiência que precisam e que estão passando pelo problema hoje. É só isso.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Faça a observação, porque eu vou ler um trecho, rapidamente. Antes de passar para os representantes da SPTrans e para a Secretaria da Pessoa com Deficiência para falarem. Vou passar, também, para o Altair.

A SRA. SANDRA RAMALHOSO – Eu só queria fazer uma observação a todos que estão assistindo.

É que nós temos uma discussão muito importante acontecendo na Câmara Federal sobre a pessoa com deficiência que é a questão da CIF, um código que vai nos tirar dessa caixinha da saúde, porque não é um CID que vai dizer do que eu sou capaz; não é um CID que vai dizer que o autista tem ou não condições de estar numa van.

Eu, cadeirante, síndrome pós pólio tenho um CID só que pego ônibus, ando e tudo. Tenho amigas que andam e não têm condições de pegar um ônibus. Elas não têm condições de pegar um Atende, e eu teria direito. Então, isso não funciona. Não é uma caixinha do CID. Não é uma caixinha da doença que vai classificar e me colocar com direito ou não.

Nós temos que adotar a CIF. Isso está na nossa Lei Brasileira de Inclusão. Pelo que eu sei, o Sr. Flávio Fenólio já apresentou um CIF para a Prefeitura. Isso ele falou numa reunião em que estávamos. Que ela seja implantada e utilizada. Não é um critério médico. Nós não somos critério médico. Nós temos que sair do modelo médico porque ele não diria que eu poderia ser mãe e que iria criar meus filhos. Ele diria que eu ia morrer com cinco anos, e estou aqui. Então, não é um modelo médico que me define, e, sim, o código de funcionalidade.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Não está sendo registrado. E quem está de forma virtual não está ouvindo vocês. Acaba prejudicando o nosso relatório.

Quero, imediatamente, passar para o Altair. Em seguida, tenho algumas perguntas que vou passar para os técnicos e, também, para os representantes da Secretaria da Pessoa Deficiente, para fazermos os encaminhamentos, devido ao horário.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Então, deixe eu falar um pouco.

Primeiro, fiquei de quatro anos à frente do serviço Atende na SPTrans no governo Haddad. Eu tenho muito orgulho dessa passagem minha por lá, porque muitas coisas foram feitas e muitas conquistas as pessoas com deficiência que precisam do serviço tiveram. Eu tenho por princípio que, quando eu saí do serviço, cabe a quem assumiu, melhorar o serviço. Então, não quero fazer nenhuma comparação da minha época com hoje. Não é esse o intuito.

Quando eu pedi para o Senival que chamasse uma audiência pública era exatamente por isso, por a gente ter passado pelo serviço, muitas pessoas falam com a gente sobre o serviço: motoristas reclamam das apertadas, tudo o que vocês falaram aqui: que o cara não tem tempo para o almoço, o cara não tem tempo de ir ao banheiro, ele não tem tempo para nada. Assim como usuários também chegam a mim dizendo que há autistas ficando três horas dentro de uma van.

Isso muito me entristece, porque o que a gente espera do serviço é que ele melhore a cada dia. Eu concordo com a Fátima que a gente tem que propor soluções, e a ideia da audiência pública é, sim, propor soluções.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Se a Dona Lídia deixar eu falar, eu agradeço.

Então, a gente está aqui, primeiro, para entender por que isso está acontecendo; segundo, para propor soluções que melhorem a vida de vocês. Eu estou feliz de saber que o Senival vai chamar uma nova audiência pública no segundo semestre, e espero que quando isso acontecer as coisas estejam, pelo menos, caminhando para o melhor caminho.

Eu espero, Senival, que não tenha oportunidade de participação virtual na próxima audiência pública, porque o servidor público tem que vir aqui, olhar para as pessoas e apresentar, de forma clara e transparente, os dados do serviço. Eu sei que, quando nos deixamos o serviço

Atende, a frota era uma; hoje a frota é outra: muito maior. Então, se ela é muito maior, por que ela não atende? É verdade.

Foi na minha época que nós colocamos o roteirizador, uma máquina para encaixar, que é importante, que serve. Só que havia um técnico que avaliava o que aquela máquina produzia, alterava e melhorava.

A gente chegou a ir em reunião de pais para ouvir os problemas e a gente saía daquela reunião com todos os problemas anotados, como esse que foi apontado aqui de que uma van pega uma pessoa numa rua e outra van pega outra pessoa no outro quarteirão, e ambas vão para o mesmo lugar. Isso não é desperdício? A gente não poderia otimizar?

Quando a Fátima fala da hemodiálise, da quimioterapia, é verdade. Então, por que a gente não propõe – e o Senival está aqui para isso – que recurso da saúde seja investido no serviço? Porque é um serviço prestado para a saúde. Por que não pode ter uma parte que possa servir para que melhore o serviço? A saúde tem recurso.

Quando a gente começou a atender os autistas, a van era adaptada para autista. Por que desistiram disso? Por que desistiram disso? Se tem lá o atendimento à pessoa com deficiência física e a minha demanda reprimida é de cem, eu vou trabalhar a adaptação de vans para atender aquelas cem pessoas com deficiência física. Se tem a pessoa com autismo e a demanda é 10 mil, eu vou trabalhar para ter uma van adaptada para pessoa com autismo para zerar essa demanda. Por que misturaram?

O Atende é um serviço específico, ele não pode ser confundido com o serviço de transporte público, que é o ônibus; ele é específico. O monitoramento dele tem que ser de pessoas profissionais que conheçam o serviço. Eu não posso colocar qualquer funcionário de monitoramento de ônibus da SPTrans e falar “Olha, hoje você vai monitorar o serviço Atende”, porque ele não tem o mesmo conhecimento.

A fiscalização também tem que ser específica, porque a van é diferente do ônibus. E por que misturou o 156? Por que não tem atendimento direto, como tinha antes, quando a mãe e o usuário falavam diretamente com o serviço? É para economizar?

Todo mundo na cidade de São Paulo, qualquer munícipe sabe que o 156 não atende de forma satisfatória um serviço que tem um apelo tão grande, um serviço que é extraordinário na cidade, que mudou a vida das pessoas com deficiência. Por que a gente não trata com toda atenção e carinho?

Não vou entrar em detalhes do serviço porque, como o Senival disse, nós vamos fazer um requerimento de informação e eu faço questão de pegar esse requerimento de informação e traduzi-lo para vocês. Esse serviço deverá ser transparente.

Eu espero desses profissionais, técnicos, que eu conheço e são bons, é que eles sejam transparentes na informação e que eles possam atender cada pai, cada mãe, cada usuário, com humanidade e com respeito.

Contem com a gente, contem com o Vereador Senival, contem com o Deputado Jorge do Carmo, e tenho certeza de que vocês poderão contar com vários parlamentares desta Casa, porque a causa não é só de vocês, a causa é de todo mundo, e quem governa a cidade tem que ter essa responsabilidade.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – O.K.

Vou passar rapidamente a palavra para a Sra. Lídia que quer fazer alguns comentários e já vou passar a palavra aos que estão de forma *on-line*, os representantes da SPTrans e da Secretaria.

A SRA. LÍDIA COSTA – Em primeiro lugar, eu tenho que defender o Atende. O serviço do Atende existe há quase 28 anos. Tudo de regulamento é discutido entre Secretaria da Pessoa com Deficiência, Secretaria da Saúde e municípios, através do CMPD. Nós fazemos plenárias específicas para trazer o problema. Então, não é que o munícipe não seja envolvido, ele ajuda a criar o regulamento.

Nesta audiência, Senival, infelizmente houve um problema de comunicação. Então, nós não ficamos sabendo a tempo e, se nós tivéssemos sabido há tempo, esse auditório estaria lotado. Essa audiência chegou para mim, não para o Conselho, na verdade, quarta-feira. O

Conselho sequer recebeu oficialmente que essa auditoria iria acontecer.

Então, a minha sugestão é que, em agosto, não peçam respostas porque se passou hoje, porque hoje está aqui somente um segmento. Então, nós teríamos que ter uma audiência novamente. Eu sou fã de audiência. Muitas coisas se resolvem em uma audiência, porque se questiona a lei e a lei nos amarra atualmente depois de uma audiência; mas que ela fosse realizada para ser produtiva, com a Secretaria Municipal de Saúde, com a Secretaria Municipal de Transportes e com todos que têm que fazer as modificações necessárias e não jogarem em cima do Atende, que não pode decidir. O Atende só cumpre a lei.

Infelizmente, o movimento da Silvana chegou ao Conselho há 30 dias. Não nos procuraram. Então, toda essa situação poderia talvez ter sido encaminhada de uma forma diferente, se, em março ou no ano passado, tivessem nos procurado. Não estou garantindo que teriam resolvido, mas poderíamos ter tentado alguma coisa.

Quanto à mãe solo, 99% de mães de deficientes são solas. Isso infelizmente é uma característica mundial. A manutenção do veículo é responsabilidade do consórcio. Não é do Atende. Certo? E, desde que entrou o consórcio, tudo piorou. Então, espera aí. Não é o Atende. É o consórcio que tem que ser chamado e ter a sua responsabilidade. *O.K?*

Quando criaram os carros para o Atende, para os autistas, na época, as mães não aceitaram, dizendo que não era inclusão. As mães alegaram que não era inclusão.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – Eu sou uma militante há doze anos.

A SRA. LÍDIA COSTA – *O.K.* E eu estou há 35 anos.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – Tem filho autista?

A SRA. LÍDIA COSTA – Eu tenho um sobrinho e um primo autistas.

- Manifestações fora do microfone.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – Tem filho?

A SRA. LÍDIA COSTA – Não.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – Eu tenho.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Calma, calma.

A audiência até agora, em que pese, não tenha um número bastante de participantes, está indo muito bem.

A SRA. LÍDIA COSTA – Houve representatividade.

A SRA. MARINEZ LOURENÇO CRUZ – A senhora vem falar de autista sendo que não tem autista?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Calma, calma. Eu entendo, compreendo a sua preocupação.

A SRA. LÍDIA COSTA – Eu trago o que nos chega.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Lídia, vamos concluir, por favor.

A SRA. LÍDIA COSTA – Infelizmente, não há respeito à opinião de outros, mas tudo bem. O.K, O.K. Eu tenho que concordar que não funciona o 156 e para nós, que trabalhamos com eventos, é uma guerra. Então, precisamos repensar, sim.

Então, minha proposta, Senival, é que, sim, façam uma audiência urgente no segundo semestre, mas que sejam chamados todos os autores e que o movimento PCD seja comunicado, não só um grupo, mas todos os munícipes que têm deficiência. Eles têm direito de estar aqui. Então, para mim essa audiência não é válida, pela falta de representatividade, porque não houve uma comunicação adequada. Então, essa é a minha proposta.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – A audiência tem efeito, sim. A auditoria tem efeito. Ela está registrada. Nós demos publicidade.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Mas esse é um problema que nós estamos enfrentando com o Conselho. É um Conselho que não nos representa.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tudo bem.

A SRA. LÍDIA COSTA – Não te representa porque você não quer a nossa representação.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Não entendem que a discussão não é discussão não é falar mal do Atende ou defender o Atende. Você usa o Atende? Seu filho usa o

Atende? Não. Falo em maturidade.

A SRA. LÍDIA COSTA – Você não fala com a gente, Silvana.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Tudo o que foi colocado aqui, que está colocado no papel, são sugestões que estamos tentando discutir com o Conselho.

A SRA. LÍDIA COSTA – Não é verdade.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – E tudo é contra ou a favor. Esse tipo de situação, não. Para nós, essa audiência é legítima, sim.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – A audiência é legítima. Ela foi aprovada e foi dado publicidade. Então, em que pesem as diferenças e os pensamentos divergentes...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. LÍDIA COSTA – O Conselho representa dois mil munícipes com deficiência. Essa demanda nunca chegou oficialmente para o Conselho. Nunca chegou. Está chegando hoje.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tudo bem. Está chegando hoje.

A SRA. LÍDIA COSTA – Chegando pela audiência. Mas não querem sentar para conversar.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Já estão registradas todas as satisfações, todas.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Vocês nem ouviram ainda os representantes da SPTrans, os representantes da Secretaria. Então, a gente está aqui. Ouvimos. Todas vocês falaram.

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Quem tem que fiscalizar é a SPTrans. É a SPTrans que tem que fiscalizar. Compete à SPTrans. A fiscalização compete à SPTrans. A pergunta está feita. Estão ouvindo e vão responder. O.K?

Tem a palavra o Sr. Altair Neri Bezerra.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – A gente assume a questão da divulgação.

O que aconteceu? Nós resolvemos, nesse mês, chamar a audiência pública. A audiência pública, em nenhum momento, Sra. Lídia, está colocando que é só para autista. Ela foi para todos. O que acontece? O que acontece? Nós tínhamos um tempo muito curto e ela tem razão.

A SRA. LÍDIA COSTA – Não foi divulgado.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Ela tem razão, que o tempo foi curto para se fazer a publicidade. E por que foi curto? Porque a gente optou em fazer, ainda no primeiro semestre, antes do recesso, que era para se entenderem, de fato, os problemas. Por isso que ela foi rápida e não atingiu todo mundo.

Enfim, eu queria registrar isso para dizer que, a partir dos problemas que apareceram aqui, nós vamos tratar, com mais tempo, com todos os envolvidos, para que participem da próxima audiência.

Agora, antes dessa audiência, muitas outras coisas vão ser questionadas e propostas. Eu espero que a próxima audiência venha para fechar isso.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – O.K.

Eu vou ler, rapidamente, dois parágrafos do relatório que é a conclusão, para ficar claro aquilo que nós falamos dos números de pessoas que não estão no relatório, se estiverem sendo transportadas, a SPTrans vai ter a oportunidade de falar. São informações que vieram da Prefeitura, em um trabalho que foi muito bem feito pelo Fernando Machado que é da Comissão Técnica. Quero deixar claro que não falamos nada de inverdade aqui. Nós não acrescentamos absolutamente nada. Falamos com base técnica, com base nos dados. São dois parágrafos e as perguntas para os técnicos da SPTrans, eles respondem, e a gente encerra devido ao horário.

“Análise do serviço Atende. Poderia ser mais abrangente se a Prefeitura divulgasse mais dados sobre o serviço em seu site, a exemplo da frota contratada e frota operacional, bem como informações sobre os tipos de viagens realizadas em cada ano, alcançando também o ano de 2022.

De forma geral, observou-se a qualidade do serviço Atende, aparentemente, alta,

tendo em vista tanto a pesquisa realizada pela SPTrans em 2016, quando a pouca quantidade de solicitações ao serviço 156”.

É o que está escrito e elaborado com base no que recebemos de informações. É aquilo que vocês disseram: o 156 não está funcionando, gente, está claro aqui.

Último parágrafo: por outro lado, aparente contradição entre diminuição de números de passageiros transportados em 1927 pessoas a menos, entre 2016-2021 e 2834 pessoas a menos entre 2019-2021, e o explosivo aumento do custo do serviço Atende, representa uma importante questão que poderia ser feita aos responsáveis pelos serviços mencionados na referida audiência pública”.

Há algumas perguntas que vou fazer, três ou quatro, rapidamente, para os técnicos da SPTrans.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, mas tudo o que vocês falaram este registrado pelas Notas Taquigráficas da Câmara Municipal. Eles ouviram.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim.

E o encaminhamento nós faremos após a fala deles, que eu acredito que uma nova audiência possa... isso. Vamos sair daqui a sugestão, porém, eu preciso aprovar na próxima reunião da comissão porque isso foi aprovado pelos Vereadores. Então, aqui tem efeito sim. É legal, O que vocês falaram, está registrado. Aprovo o requerimento na próxima quarta e definimos uma data, após o recesso.

As perguntas para a SPTrans são quatro ou cinco. Os técnicos da SPTrans podem responder como representantes da Secretaria como pessoas portadoras de mobilidade reduzida. Quantidade de passageiros transportados em 2022: essa é uma pergunta. O Wagner pode responder ou o Simão, qualquer um deles. Essa é a pergunta. Eu não sei se a pessoa é deficiente pelo serviço Atende.

Dois: quantidade de viagens realizadas em 2022; três: custo do serviço Atende em

2023, porque ainda estamos na metade do ano, vai ter uma estimativa. Histórico da frota cadastrada e operacional de 2016 a 2023.

Outra questão relevante, a última, para SPTrans: quantas reclamações recebidas? Quem atende e quantas são resolvidas? Quantas foram respondidas?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim.

É o que eu perguntei para ele: quantas chegaram até lá? Porque vocês estão falando que são inúmeras. Agora, eu quero ver quantas chegaram até lá. De repente, vocês reclamaram por duzentas vezes e chegou dez.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Vereador, eu queria acrescentar uma pergunta: qual a média de infração mensal, multas. A média de multas sofridas pelas empresas que não estão cumprindo a Ouro que é a ordem de serviço do serviço Atende? Média de autuações mensal do serviço?

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Há mais coisa.

Quantos atendimentos foram cancelados desde o final do ano passado até hoje, e o porquê? Há muita pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Mas deixa eu explicar para vocês: só esta audiência não vai dar conta de tudo. Eu já me comprometi com vocês de que vamos fazer outra.

A SRA. SILVANA VAZQUEZ GICOVATE – Mas esse é um bom início.

Esse é o foco. Não é falar mal ou bem do Atende. É colocar algo direto do que estamos passando, porque há documento e vieram representantes aqui, da sociedade civil, colocar o que está acontecendo.

Nós estamos insatisfeitos com o serviço, pedindo uma modificação – para mim, me desculpa: número ou não número, de quantos atendidos e quantos não atendidos, não me interessa. Interessa o que acontecerá com tudo isso que a gente tá colocando aqui e eu estou desde o ano passado me organizando com as mães, aqui, escrevendo, sentando com o Conselho e com a SPTrans – já conheço o Manoel, José Carlos, conheço faz tempo – colocando

essas mesmas questões...

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Mas, agora, nós vamos formalizar. Isso vai ficar formalizado e vamos cobrar deles. É esse o compromisso que estamos fechando com vocês.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Então, vamos lá.

Tendo esse número de pessoas gerou toda essa problemática, imagine lotado. Nós vamos ter que fazer uma audiência de quatro horas.

Quero passar para os representantes da SPTrans devido ao horário. Nós temos que entregar o espaço. Já estou sendo cobrado.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Está tudo registrado aqui. A sugestão está acolhida.

Quero passar para os técnicos da SPTrans. Não sei se o Wagner quer responder primeiro. Estou vendo que o Wagner está preparado.

Está preparado, Wagnão?

O SR. WAGNER CHAGAS ALVES – Estamos todos preparados.

A gente queria começar dizendo o seguinte: no convite que nos foi encaminhado, primeiro, chegou para nós na quinta ou sexta-feira, dando a condição de ser presencial ou virtual. Nós optamos por virtual porque ficaria mais fácil, mas nada impediria de nós estarmos participando presencialmente na Câmara. Já estivemos aí duas, três, várias vezes, sem problema nenhum. Foi um prazer revê-lo.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Obrigado.

O SR. WAGNER CHAGAS ALVES – Outra coisa, só para falar uma coisa que nós já cansamos de falar, tanto na Comissão... (Falha na transmissão)... quando chegou em outubro do ano passado para cá, nós tivemos um aumento significativo na demanda, passamos de 14 mil pedidos para 20 mil pedidos. É muita coisa. Não existe sistema que pudesse aceitar um

pedido desses... (Falha na transmissão)... então o que a gente está fazendo hoje? Reprogramando todas as nossas atividades, pusemos uma frota extra para a Prefeitura, para este ano ainda. O próprio Secretário falou... (Falha na transmissão)... os números, nós temos alguns números aqui e outros podemos trazer para vocês posteriormente. Mas na disposição eu já propus algumas situações, Vereador.

A própria Câmara, se quiser, pode... (Falha na transmissão). Outra coisa a acrescentar, nós temos vans em processo de adaptação... (Falha na transmissão). Vou passar agora para o Simão e para o Zé Carlos, eles podem esclarecer melhor para vocês.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – O.K, vamos lá?

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Oi, boa tarde.

Meu nome é José Carlos, para quem não me conhece.

Então, na questão da frota, são 540 carros, desses 540 carros... (Falha na transmissão)... são operacionais e nós temos mais 39 carros que tem a função de cumprir... (Falha na transmissão)... em janeiro de 20 nós tínhamos um volume de 14 mil pedidos de usuários, e hoje está... (Falha na transmissão).

Então, tivemos no prazo de três anos – de janeiro de 20 para 23, 16 mil pedidos... (Falha na transmissão)... e de repente, passado esse outubro/novembro houve um bum e nós ficamos... (Falha na transmissão)... e a demanda diminuiu? Pelo contrário, a demanda aumentou. O que nós falamos... (Falha na transmissão). A demanda, ela cresceu muito, porque...

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Calma, calma, vamos na boa.

Deixe-me falar, o áudio – tanto o seu quanto o do Wagner – está muito ruim. A gente está entendendo de uma forma muito precária. O que eu posso dizer a vocês: se falarem um pouco mais próximo para ver se melhora um pouco o áudio. E depois, eu já quero aproveitar, pedir que você possa nos encaminhar, de imediato, para a Comissão de Trânsito e Transporte, todos esses dados que você tem por que isso pode estar dando divergência muito grande. Eu vou conversar com a equipe técnica para eles prepararem um novo relatório para a gente

apresentar na próxima audiência. Pode ser?

Você encaminha para cá, porque infelizmente está prejudicado em função do áudio, mas pode continuar, vamos ver se melhora um pouco.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Vereador, até reforçando o que o próprio Wagner disse, nós estamos aqui com as portas abertas, nós até propusemos ao grupo de mães dos autistas – a Silvana e a Sandra Ramalhão que estão trazendo para a gente – que nos visitassem, e nós íamos fazer uma apresentação de tudo aquilo que estava acontecendo, o que nós pretendíamos, o que nós temos planejado para tentar resolver a situação. Nós aqui continuamos com as portas abertas. E esse material que a gente está com ele em mãos, que a gente não conseguiu apresentar, nós vamos mandar para vocês.

Mas retomando a questão da demanda, o que acontece? Ela caiu, sim, de forma vertiginosa na época da pandemia, evidente, as pessoas não saíam de casa e nós atendemos basicamente as pessoas em hemodiálise, elas tiveram de ir. E eu não sei se vocês sabem, o serviço Atende, em função da diminuição da demanda, criou um serviço específico de atendimento às pessoas em hemodiálise.

Foi falado muito do regulamento, que o regulamento tem uma série de situações, mas na pandemia a gente não considerou uma série de coisas do regulamento. Então, tudo aquilo que foi pedido para a gente, considerando que a nossa frota continua a mesma, ela ficou à disposição dos usuários durante praticamente todo tempo da pandemia, nós não baixamos os carros. Só em um dado momento, nós fizemos o equacionamento da oferta e da demanda. Então, nós criamos esse serviço para o atendimento exclusivo para as pessoas em hemodiálise, pensando naquele momento da Covid.

Então hoje, voltando, depois que nós recebemos a demanda, nós começamos a ter reuniões com o grupo de mães, juntamente com o pessoal da Secretaria da Pessoa com Deficiência, do Conselho. Enfim, nós efetuamos algumas ações no sentido de melhorar a qualidade do serviço. Havia reclamação, há características da pessoa com autismo, ela não pode, tem que evitar aglomeração, uma série de coisas. Então reduzimos a quantidade de

peças nos veículos, deixamos de utilizar os bancos dianteiros para os acompanhantes, coisa que não fazíamos. Tanto é que se você olhar o gráfico de atendimento, você vai ver que no mês de maio agora nós transportamos um pouquinho menos do que em abril, o que foi exatamente por conta dessa readequação.

Vocês estão me ouvindo direito?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, sim, estamos ouvindo. Pode continuar.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Que bom, que bom.

Pensando aqui na demanda das pessoas com deficiência física, surdos-cegos, e os autistas, bem rapidamente digo que quanto às pessoas com autismo, em maio de 2019, nós transportávamos 1274 pessoas e apenas 166 estava em fila de espera. Agora, em maio de 2022, nós passamos a atender a 5102 pessoas e há, em fila de espera, 2248 pessoas. Há um detalhe: são pessoas com autismo e seus acompanhantes.

Recapitulando, em maio de 2019, havia 1274 pessoas em atendimento e esse número pulou para 5102 e a demanda reprimida, que era de 166, pulou para 2248 pessoas. Em termos de deficiência física, nós juntamos os dois na mesma tabela. Em maio de 2019, nós transportávamos 7976 pessoas e esse número agora, em maio de 2023, caiu um pouquinho, para 6461. E, em maio de 2019, a nossa demanda reprimida era de 479 pessoas. Esse número agora passou para 1992. Lembro que são pessoas com deficiência física, surdas, cegas e seus acompanhantes.

Então, falando dos autistas, se compararem os números de maio de 2019 a maio de 2023, observa-se um crescimento e não estávamos preparados evidentemente para isso. Agora, em função das nossas definições, estamos no sentido de caminhar...

Consolidando essas informações, no total, somando os autistas, surdos, cegos e seus acompanhantes, hoje, em maio de 2023, há 11.563 pessoas.

Em maio de 2019, foram 9250. E agora, em maio de 2023, foram 11.563 transportados, usuários atendidos. A demanda reprimida, em maio de 2019, era de 645 pessoas e esse número pulou para 4240, pessoas com deficiência e seus acompanhantes.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Então, de 2023, saiu de 645 para 4.000?

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Quatro dois quatro zero.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Vereador, faço uma observação.

Quando se somam as pessoas, a pessoa deficiente mais o acompanhante, o número cresce realmente e nós temos que mostrar que nós precisamos de vagas no carro. Agora, pensando em termos de atendimento, eu vou separar o número de maio de 2023, para se ter esse número um pouco mais preciso.

Então, dessas 4240 pessoas que estão em demanda reprimida, há 2222 pessoas com deficiência. De 4240, 2222 são pessoas com deficiência e esse número de demanda reprimida divide-se na seguinte forma: mil, trezentas e vinte são pessoas estão em atendimento parcial. É demanda reprimida. Eu não sei se os senhores sabem, mesmas as pessoas hoje, com o Atende, podem pedir até seis vezes o atendimento na semana. Então, dessas sei vezes, pelo menos, uma vez a pessoa foi atendida. Há aqui cinco, quatro ou três vezes, e nós continuamos trabalhando evidentemente para os 100% dessas 1329 pessoas.

Agora há pessoas que não recebem nenhum atendimento, que pediu seis ou cinco vezes e não demos nada.

Então, até reforçando o que o Wagner e o Simão falaram, esses dados que estamos aqui, em mãos, nós ligaremos para o senhor. OK?

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Eu não tenho certeza, mas os sobre passageiros transportados, no ano de 2022, nós atendemos a 1.211.275 passageiros com deficiência, pessoas com deficiência, mais 971.526 acompanhantes, totalizando 2.182.801 pessoas. Esse foi o número de passageiros que nós programamos, o atendimento para 2.182.801 passageiros. Digo programados, porque aí a pessoa pode cancelar a viagem, em função da sua necessidade. Então, a disponibilização, nos carros, foi essa.

Houve uma outra pergunta que eu até anotei.

Eu vou depois passar a palavra ao Sr. Simão, que vai fazer alguns comentários também.

O Sr. Altair também fez pergunta, sobre a quantidade de penalizações, de multas. Em 2022, houve 139 penalizações.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Cento e trinta e nove o ano inteiro?

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – É o número que eu tenho aqui, 139 Autuações de infração emitidas.

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – Então, o serviço está bem. Só 139.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Cento e trinta e nove multas?

O SR. ALTAIR NERI BEZERRA – No ano inteiro. Na época, eram 600 por mês. O serviço está funcionando bem.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – É o dado que ele tem. Não dá para se discutir agora, em função do tempo. Ainda vão falar o Flávio e o Simão.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – De qualquer forma, nós vamos repassar essas informações.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – OK.

O SR. JOSÉ CARLOS BIAGIONI – Eu vou passar a palavra para o Simão.

Obrigado, pessoal.

O SR. SIMÃO SAURA NETO – Rapidamente, ainda em complemento a alguns questionamentos colocados em relação à responsabilidade, fiscalização e controle das vans que operam o serviço Atende, nós gostaríamos de deixar claro – talvez nem todos saibam – que São Paulo tem responsabilidade sobre o fiscalização e controle, que é a manutenção e a conservação desses veículos.

Sobre a obrigação e a realização da manutenção feita pelos concessionários, nós fiscalizamos e controlamos isso através de uma equipe de inspeção e não só a manutenção e conservação dos ônibus, mas das vans também. Existem procedimentos para isso. Nós fazemos a verificação física do estado de conservação e fazemos com auditoria nos processos de

manutenção. Além disso, nós temos técnicos que estão em campo. Constatada qualquer inconformidade nos veículos, esses já são, automaticamente, convocados para uma inspeção.

Então, nós fazemos cem por cento avaliação dessas vans a cada seis meses. No mínimo, cem por cento. Fazendo parte dos cem por cento. Além do que, nos canais de reclamação. Qualquer mal estado de conservação dessas vans, automaticamente, são direcionados para a área que convoca esses veículos para uma avaliação. Constatadas as irregularidades, só retornam depois de reparados.

Nós temos uma reserva técnica de 39 carros; e, em função dessas vans... (Falha na transmissão)... todos os dias, têm entre oito e dez carros parados em manutenção preventiva em função desse aumento de quilometragem. Então, só a título de esclarecimento para vocês.

Outra questão que foi colocada em relação ao *layout*, nós tínhamos vinte vans para atendimento ao autista. Esse era o número; e o restante da frota de carros era para atender deficientes físicos. Nós observamos que dessas vinte vans, muitas ficavam paradas. Elas faziam atendimentos pontuais e ficavam um tempo muito grande paradas, porque tinha um atendimento específico.

Internamente, consultamos o nosso pessoal de programação e de engenharia, para fazermos um carro combinado para aumentar a oferta e a otimização disso, com uma maior quantidade de ocupação desses carros para fazer com que fosse mais definitivo possível.

Mas era um momento, como o José Carlos comentou, em números de autistas comparado com o que tínhamos antes, hoje, não se pode dizer que há uma comparação. Só para que vocês entendam: hoje, nós estamos revendo esse modelo de layout de veículo até com a experiência que nós não tínhamos transportando autistas que fomos adquirindo ao longo do tempo.

A gente tem buscado novos modelos e estamos estudando novas possibilidades, inclusive, até mesmo de alterar o modelo dessas vans.

Um detalhe importante: toda vez que a gente faz qualquer modificação técnica em veículos desse tipo nós envolvemos a Secretaria de Acessibilidade. A gente procura ouvir todos

vocês que estão em processo, porque não somos os donos da razão. Temos limitações que a indústria oferece, pois, muitas vezes, nós queríamos fazer algo diferente, mas o mercado de fabricação hoje não disponibiliza tudo o que a gente tenta fazer... (Falha na transmissão)... é uma norma nacional que obriga que... (Falha na transmissão)... ele tem que emitir um sinal sonoro no nível de decibéis já estabelecido pela legislação, para que as pessoas que estejam distraídas ou que não estejam atentas sejam alertadas de que tem alguma coisa acontecendo naquele local.

Então, a SPTrans tem que seguir a legislação que não vale só para a cidade de São Paulo.

São só alguns esclarecimentos. Eu volto a reforçar... (Falha na transmissão)... essa reunião de demanda, como recomendou. A gente tem discutido com a Administração a possibilidade, já que nós temos toda uma lei orçamentária do ano passado para esse ano. Nós não imaginávamos que isso ia acontecer. Nós estamos tentando, junto a Administração, ainda este ano, inserir 120 minivans para minimizar esse... (Falha na transmissão)... ela não tem cem por cento, o restante nós cumpriríamos no próximo ano.

E, não sendo possível este ano, essa meta já está programada para o ano que vem para tentar zerar essa demanda. Infelizmente, a gente tem observado que ela vem crescendo. A gente não viu ela estagnada; mas, de qualquer maneira, nós estamos buscando alternativas e temos discutido com todos os envolvidos no processo.

Ratifico a necessidade de discussão em múltiplas pastas da Administração, pôr a SPTrans, que é quem fiscaliza e controla, então, amarra a ponta. As decisões até chegar nesse caminho envolvem outras Secretarias da Administração; é um trabalho conjunto.

Quero justificar e corroborando com o que já foi dito. Basicamente, é isso.

Quero agradecer e me coloco à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Eu também quero agradecer vocês.

Quero estender o convite a todos vocês para a próxima audiência pública que vamos realizar, provavelmente, em agosto. Porém, já temos duas datas: 19 e 26, em que os

representantes dos Conselhos não poderão estar presentes. Então, essas duas datas nós já estamos excluindo de nossas sugestões. Mas temos mais dois fins de semana durante o mês.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim, sim.

Já estou avisando vocês porque, pelo que eu entendi, houve um erro de comunicação, talvez, uma falha de comunicação, e nós vamos tentar corrigir, mas vocês já vão sair informados daqui sobre uma. Nós vamos aprovar.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Lógico. Aqui tem efeito total. Nós estamos, até agora...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Está bom.

Deixa eu passar para o...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Sim. Tá.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Tá.

Nós vamos deixar os contatos e pegar os contatos de todos vocês. O que é que eu estou informando: vamos tentar aprovar o requerimento na próxima quarta-feira já com data de audiência – sabendo que não serão esses dois dias: por exemplo, dia 19 e 26 não pode. (Pausa) O segundo sábado de setembro, que dia vai ser? Veja a data, porque assim já saímos daqui com a data aproximada.

Na próxima quarta, eu coloco em votação, se tiver número nós aprovamos essa data. (Pausa) Dia 8 de setembro é emenda de feriado, não. (Pausa) Ah, dia 15 de setembro, vai passar para setembro? Vocês é que sabem. (Pausa) Dia 25 de agosto? Então, anotem aí, vamos sair com essa data, vou pedir para a assessoria anotar para aprovar o requerimento com data de 25 de agosto. Beleza? (Pausa)

Deixa eu passar rapidamente a palavra para Flávio Aduino Fenólio. Boa tarde, Flávio, vamos lá.

O SR. FLÁVIO ADAUTO FENÓLIO – Boa tarde, Presidente.

Serei breve pelo adiantado da hora, iniciando, Sr. Presidente, com um pedido de desculpas pela nossa entrada tardia. Em que pese o convite da quarta-feira, nós envidamos todos os esforços para poder participar.

A Secretária Silvia Grecco gostaria de estar presente, infelizmente sua agenda não permitiu e a Secretária Adjunta Dika Vidal também não pode comparecer. Mas como estava na agenda da Secretária, eu peço desculpas pelo atraso, nós estamos aqui para colaborar.

Sabemos de toda participação técnica do pessoal da SPTrans, que conhece tecnicamente o serviço. Entendemos que o Atende+ é um serviço extraordinário, como já dito, um serviço essencial, mas complexo e em cotidiana construção. Nós fazemos isso com ações da Secretária em conjunto da SPTrans. Há um grupo de trabalho, como já foi dito, formado pela ex-Conselheira Fátima, que nos disse que esse trabalho existe desde 2019, um grupo de trabalho formado pela SPTrans, Atende+, com o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, com a participação ativa da Conselheira Sandra Ramalho, também com a oitiva da sociedade civil. A Silvana tem participado, ela começou a participar recentemente, a Fátima participa cotidianamente, a Lídia, Vice-Presidente do Conselho, hoje representando o Conselho, sabe dessas ações conjuntas com a Secretária.

Entendemos também – Presidente, público presente e virtualmente – que são as mães e os pais que mais entendem sobre quais são as necessidades porque são as pessoas que convivem diariamente. A Secretária Silvia Grecco é mãe de pessoa com deficiência, o Nicolas Grecco é cego e autista. Além de gestora, ela traz essa experiência pessoal para o desenvolvimento e criação de políticas públicas para as pessoas com deficiência da cidade de São Paulo.

Quero mencionar somente dois pontos, nobre Vereador. Nós, enquanto uma Secretária meio diferente de Secretárias finalísticas, trabalhamos em conjunto das demais

Secretarias. Menciono dois pontos importantes e um deles já foi mencionado pelo pessoal, pelos nossos queridos colegas do Atende+.

Ano passado, fizemos convênio com o Governo do Estado, que trouxe para o serviço, 19 novas vans que serão adaptadas ao serviço. Sabemos que não é o suficiente, mas cada passo é importante para que avancemos com uma melhor prestação de serviço. Outro ponto importante, que devemos sempre lembrar, é com relação às medidas de desburocratização. Isso não serve só para o serviço Atende+, serve para todos os outros serviços prestados para as pessoas com deficiência pela Prefeitura de São Paulo.

Até o mês de fevereiro, quando não havia lei que regulamentasse nesse sentido, laudos médicos atestando deficiências permanentes tinham prazo de validade. Então, numa medida saneadora, afastando as burocracias, desde fevereiro na cidade de São Paulo há uma lei municipal tornando os laudos médicos que atestam deficiência permanente com validade indeterminada, desburocratizando com essas medidas necessárias.

Entendemos todas as reivindicações, entendemos todas as posições das pessoas, da sociedade civil, especialmente os que utilizam o serviço. Devemos sempre pensar, e nós sempre tratamos nas reuniões dos grupos de trabalho que acontecem na Secretaria, que devemos formatar em propostas para melhoria das políticas públicas e criar outras tantas. Usar ou não esse serviço, ser ou não uma pessoa com deficiência, não pode ser impeditivo para colaboração ou impeditivo para participação de todos na elaboração de políticas públicas para atender às pessoas com deficiência e seus familiares. Esse é um trabalho que deve ser cooperativo e colaborativo por todos e com todos.

Agradeço ao Presidente, desculpe ultrapassar o limite de três minutos. Novamente peço desculpas pela entrada tardia e previamente já confirmamos nossa participação na próxima audiência pública desta Comissão.

Obrigado, Presidente, obrigado a todos e a todas.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Essas foram as palavras do Flávio Aduino Fenólio, Chefe de Gabinete da Secretaria da Pessoa com Deficiência. O áudio estava diferente,

nós ouvimos legal. Eu acho que da SPTrans foi sabotagem, não é possível. Quero agradecer ao Wagner, ao Simão e ao Zé Carlos por terem participado.

Foram inscritas 13 pessoas, mas também falaram o Deputado Jorge do Carmo, a Renata Flores Tibyriçá representando a Defensoria Pública, a Lídia representando o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência e o Altair também, ele que trabalha na chefia de gabinete.

Quero dizer, só para reiterar, inclusive eu já marquei a data, dia 25 de agosto, será um sábado. O melhor horário para vocês, pode ser 9h para começar? Às 9h30? (Pausa). Aí, se vocês puderem, vão informando as outras pessoas, porque tendo sessão quarta-feira, eu já dou como aprovado o requerimento, nós teremos condições de aprovar. Se puderem ir informando aos outros, façam contato e confirmem a data. (Pausa)

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Senival Moura) – Pode e deve, é audiência pública, aqui devem vir todos. Está bom? Tenho de encerrar. Eu agradeço e vão com Deus.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a nossa audiência pública.

Tenham todos uma ótima tarde, fiquem com Deus. (Palmas).